

**MARIZETE BORTOLANZA SPESSATTO**

**MARCAS DA HISTÓRIA: CARACTERÍSTICAS DIALETAIS  
DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA FALA DE CHAPECÓ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

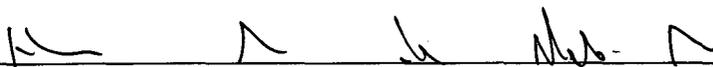
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edair Maria Görski

Florianópolis - UFSC

2001

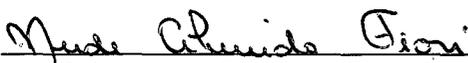
## MARCAS DA HISTÓRIA: CARACTERÍSTICAS DIALETAIS DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA FALA DE CHAPECÓ

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística e aprovada em sua fase final pelo Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

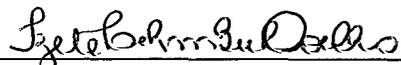
  
\_\_\_\_\_  
Coordenador: Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura (UFSC)

### Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Profª Dra. Edair Maria Görski (UFSC)  
(Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Profª Dra. Neide Fiori (UNISUL)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Paulino Vandressen (UFSC)

  
\_\_\_\_\_  
Profª Dra. Izete Coelho (UFSC)

*Como dizer  
bom-dia, boa-noite,  
até-logo, obrigado,  
se em cada lugar as palavras mudam  
de som e significado?*

*Dia é day,  
mas também é jour e giorno,  
também é dienh e dag,  
gün, lá, yom, päivä (...)*

*Quando chegou,  
o estrangeiro sabia apenas  
que tudo tinha mudado.*

*(Alberto Martins,  
A Floresta e o Estrangeiro)*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço à Profª Drª Edair Maria Görski pela orientação e acompanhamento, oferecidos com respeito às idéias e às dificuldades de quem se aventurou nas pesquisas sociolingüísticas e com elas se identificou.*

*À equipe de professores do Pós-Graduação em Lingüística da UFSC, pelos conhecimentos socializados durante o curso.*

*Aos professores Dr. Paulino Vandresen e Drª Neide Fiori, pelas sugestões apresentadas na defesa do projeto de pesquisa e a esta incorporadas.*

*A uma família especial, que acompanhou todos os passos desse trabalho com paciência, carinho e estímulo, como sempre o faz. Obrigada ao Chico, ao Fran e à Beth.*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. O FENÔMENO EM ESTUDO.....	15
2. OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES.....	23
2.1 Objetivo geral.....	23
2.2 Objetivos específicos.....	23
2.3 Questões norteadoras.....	23
2.4 Principais hipóteses.....	24
3. HISTÓRICO DA COMUNIDADE: A MIGRAÇÃO ITALIANA.....	27
3.1 Retrospectiva histórica.....	28
3.2 Os italianos no Brasil.....	29
3.3 Do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, uma nova aventura.....	30
3.4. Colonização, imigração e os aspectos lingüísticos envolvidos no processo.....	32
3.4.1 Português: imposição dos colonizadores.....	33
4. QUADRO TEÓRICO: SOCIOLINGÜÍSTICA.....	41
4.1 Teoria da Variação e Mudança.....	42
4.1.1 Abordagem teórico-metodológica.....	42
4.1.2 O papel dos fatores externos.....	44
4.2. Bilingüismo e difusão dialetal.....	46
4.2.1 Os dialetos.....	48
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	53
5.1 Caracterização do <i>corpus</i> .....	53
5.2 Delimitação da amostra.....	54
5.3 Variáveis controladas.....	56
ANÁLISE DA VARIAÇÃO NO USO DO FONEMA VIBRANTE.....	58
6.1 Distribuição das variantes.....	58
6.2 Realização da vibrante múltipla em contextos de vibrante múltipla e de tepe.....	60
6.3 Análise dos contextos de vibrante múltipla.....	63
6.3.1 Fatores sociais condicionantes das realizações do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla.....	63

6.3.1.1	Escolaridade.....	63
6.3.1.2	Idade.....	65
6.3.1.3	Bilingüismo.....	69
6.3.1.4	Sexo.....	71
6.3.1.5	Cruzamento entre sexo e escolarização.....	72
6.3.2	Fatores lingüísticos condicionantes das realizações da vibrante em contextos de vibrante múltipla.....	73
6.3.2.1	Posição na palavra.....	74
6.3.2.2	Tonicidade.....	75
6.3.2.3	Contexto precedente e contexto seguinte.....	75
6.3.2.4	Classe morfológica.....	77
6.4	Análise dos contextos de tepe.....	79
6.4.1	Fatores sociais condicionantes das realizações da vibrante em contextos de tepe.....	79
6.4.1.1	Sexo.....	79
6.4.1.2	Idade.....	81
6.4.2	Fatores lingüísticos condicionantes das realizações da vibrante em contextos tepe.....	82
6.4.2.1	Tonicidade.....	82
6.4.2.2	Contexto seguinte.....	83
6.4.2.3	Classe morfológica.....	84
6.5	Variação na comunidade e no indivíduo.....	85
7.	PRECONCEITO LINGÜÍSTICO.....	88
7.1	Preconceito lingüístico voltado à fala dos italianos em Chapecó.....	91
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
9.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1	REALIZAÇÕES DE TEPE NA FALA DO INFORMANTE CHP03.....	18
QUADRO 2	DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS SOCIAIS.....	54
QUADRO 3	DISTRIBUIÇÃO DAS MIL PRIMEIRAS OCORRÊNCIAS DO FONEMA /r/ PELO INFORMANTE CHP01 .....	55
QUADRO 4	DISTRIBUIÇÃO DAS REALIZAÇÕES DO FONEMA VIBRANTE EM INÍCIO DE PALAVRA E POSIÇÃO INTERVOCÁLICA.....	58
TABELA 1	DISTRIBUIÇÃO DAS REALIZAÇÕES DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS DE VIBRANTE MÚLTIPLA E TEPE.....	61
TABELA 2	INFLUÊNCIA DA ESCOLARIDADE SOBRE AS REALIZAÇÕES DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS DE VIBRANTE MÚLTIPLA.....	64
TABELA 3	INFLUÊNCIA DA IDADE SOBRE AS REALIZAÇÕES DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS DE VIBRANTE MÚLTIPLA.....	66
TABELA 4	INFLUÊNCIA DO BILINGÜISMO SOBRE AS REALIZAÇÕES DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS DE VIBRANTE MÚLTIPLA.....	70
TABELA 5	INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL SEXO SOBRE AS REALIZAÇÕES DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS DE VIBRANTE MÚLTIPLA.....	71
TABELA 6	CRUZAMENTO ENTRE SEXO E ESCOLARIDADE PARA ANÁLISE DA REALIZAÇÃO DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS DE VIBRANTE MÚLTIPLA.....	72
TABELA 7	INFLUÊNCIA DA POSIÇÃO NA PALAVRA SOBRE AS REALIZAÇÕES DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS DE VIBRANTE MÚLTIPLA.....	74
TABELA 8	INFLUÊNCIA DA TONICIDADE DA SÍLABA NA REALIZAÇÃO DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS DE VIBRANTE MÚLTIPLA.....	75
TABELA 9	INFLUÊNCIA DO CONTEXTO PRECEDENTE PARA A REALIZAÇÃO DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTO DE VIBRANTE MÚLTIPLA.....	76
TABELA 10	INFLUÊNCIA DO CONTEXTO SEGUINTE SOBRE A REALIZAÇÃO DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTO DE VIBRANTE MÚLTIPLA.....	77
TABELA 11	INFLUÊNCIA DA CLASSE MORFOLÓGICA DA PALAVRA SOBRE A REALIZAÇÃO DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTO DE VIBRANTE MÚLTIPLA.....	78

TABELA 12	INFLUÊNCIA DO FATOR SEXO PARA A REALIZAÇÃO DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS ESPERADOS DE TEPE.....	80
TABELA 13	INFLUÊNCIA DO FATOR IDADE PARA A REALIZAÇÃO DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS ESPERADOS DE TEPE.....	81
TABELA 14	INFLUÊNCIA DA TONICIDADE DA SÍLABA PARA A REALIZAÇÃO DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS ESPERADOS DE TEPE.....	82
TABELA 15	INFLUÊNCIA DO CONTEXTO SEGUINTE NA PALAVRA PARA A REALIZAÇÃO DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS ESPERADOS DE TEPE.....	83
TABELA 16	INFLUÊNCIA DA CLASSE DA PALAVRA PARA A REALIZAÇÃO DO FONEMA VIBRANTE EM CONTEXTOS ESPERADOS DE TEPE.....	84
TABELA 17	A VARIAÇÃO NOS INFORMANTES EM CONTEXTO DE VIBRANTE MÚLTIPLA.....	86

## RESUMO

A partir de levantamento histórico, apresentamos os fatores que interferiram na formação da comunidade em estudo e, a partir das questões socioculturais, analisamos os traços lingüísticos que marcam esse grupo. A comunidade de descendentes de italianos residente em Chapecó, assim como os demais imigrantes estrangeiros que viviam no Brasil na década de 1930, enfrentou a Campanha de Nacionalização, que punia rigorosamente os falantes de outras línguas, que não o português. Desta forma, sob imposição governamental, os descendentes de italianos assimilaram a língua portuguesa, sem deixar de lado os dialetos trazidos pelos antepassados, que tiveram algumas especificidades fonológicas mantidas na fala em português. Essa interferência ficou comprovada na análise lingüística das realizações do fonema vibrante. A análise apontou uma alta incidência de tepe em contextos tidos como de vibrante múltipla, além de ocorrências do que denominamos de vibrante 'intermediária'. Estas características evidenciam que a comunidade em estudo desenvolveu características lingüísticas particulares, podendo ser um indicativo de formação de um dialeto local entre o grupo.

## **ABSTRACT**

Through a historical investigation, we present the factors which interfered in a community formation which is the subject of this research and, making use of sociocultural questions, we analysed the linguistic units which mark that group. The community of italian descendants residing in Chapecó, just as the other foreign immigrants who lived in Brazil in the 1930's, faced the Nationalization Campaign in which foreign language speakers were harshly punished. So, under governmental imposition, the italian descendants assimilated Portuguese, without disregarding the dialects brought by the ancestors, which had some specific fonological aspects maintained in the Portuguese Language spoken by them. That interference was corroborated in the linguistic analysis of the vibrant phoneme realization. The analysis pointed out a high incidence of the tap in contexts of multiple vibrant, besides the occurrence of an intermediary vibrant. These characteristics evidence that the community being studied in this work developed specific linguistic aspects, which can point out the formation of a local dialect among the group.

## INTRODUÇÃO

Chapecó é um município com mais de 164 mil habitantes<sup>1</sup>, considerado pólo econômico, de atendimento médico e de prestação de serviços do Oeste de Santa Catarina. O desenvolvimento do município ocorreu de forma mais acentuada a partir do início do século XX, com a chegada dos imigrantes gaúchos, que buscavam no município novas oportunidades para adquirir suas terras e garantir um futuro melhor para suas famílias.

Os imigrantes trouxeram para Chapecó não apenas seus sonhos de um futuro melhor, mas também seus costumes, seu jeito de conviver e de falar. Estas características não reproduzem, necessariamente, a maneira de ser do povo gaúcho, mas sim dos europeus, a maioria italianos. Esses imigrantes vieram para o Rio Grande do Sul e, por circunstâncias econômicas e pela escassez de terra, tiveram que, mais uma vez, migrar em busca de novas oportunidades. Também migraram para Chapecó filhos e netos de italianos, da mesma forma portadores de traços físicos e culturais característicos do seu grupo étnico.

Essas características dos imigrantes ainda hoje marcam, sensivelmente, o perfil sociocultural e lingüístico do município. Pela interferência da colonização nas questões lingüísticas locais, Chapecó foi selecionado para fazer parte do banco de dados de fala do Projeto VARSUL (que reúne cidades dos três estados do Sul do país), caracterizando uma comunidade lingüística de colonização italiana.

As características lingüísticas da população de descendentes italianos são visíveis e, muitas vezes, recriminadas pelos próprios membros da comunidade local. Não são raras as ocasiões em que se percebem as imitações debochadas da fala dos italianos; que misturam palavras ou trocam fonemas, na comunicação em português.

Em uma gravação que revela a intenção de ironizar o jeito de viver e de falar do povo de Chapecó, o conjunto “Banda Repolho” (Chapecó), já na primeira faixa do CD, que leva o nome da banda, reproduz na música as características lingüísticas do grupo em questão. Apresentamos aqui a letra da música, da maneira como está na capa do CD:

---

<sup>1</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2000.

## JUVENAL

*Juvenal tinha uma gatinha  
 Ele pegô ela no natal  
 Ela era muito bunitinha  
 E porque tinha um caro  
 Ela achô ele legal  
 Ele levava ela pro cinema  
 Tomá sorvete e depois iam passeá  
 E me subiam e desciam a avenida  
 No domingo e o povo não parava de gritá (...)*

O grupo destacou na música traços que caracterizam a fala local, como os //, pronunciados de forma lateralizada, (como em [natal] e não [nataw], pronúncia mais usual no português brasileiro). O traço mais característico, no entanto, é a troca da vibrante múltipla pela vibrante simples, em contextos intervocálicos, registrada pelo grupo musical em *caro* ([karo] para [kaRu]<sup>2</sup>).

A intenção da banda, revelada em outras faixas do CD, é a de fazer uma sátira às características da comunidade da qual faz parte. Entretanto, bem mais do que o humor, o preconceito com os usuários de uma variedade lingüística que não condiz com o dialeto-padrão do português brasileiro é uma questão preocupante e será observada durante a realização deste trabalho.

Em muitos casos, a dificuldade no uso da vibrante, dentro do dialeto padrão do português brasileiro, acaba virando anedota. Exemplificamos:

*“Em uma conversa, um colega explica para o outro a sua situação na escola:  
 - Em matemática eu não me dou bem, mas em português eu ‘araso’”.*

Acreditamos que o conhecimento do percurso histórico, com a descrição de hábitos culturais da comunidade em estudo, auxilie na tarefa a que nos propomos.

---

<sup>2</sup> Na transcrição fonética, apresentada no corpo do trabalho, entre colchetes, utilizamos a classificação também utilizada por Monaretto (1997): r-forte, realizado na zona anterior da boca [R]; -forte, realizado na zona posterior da boca [x]; tepe, som de r-fraco [r].

Desta forma, a recuperação da trajetória histórica da colonização do Oeste torna-se um recurso importante para a compreensão dos fatores que influenciaram os falantes de Chapecó no uso dos traços lingüísticos atualmente identificados. Consideramos que a recuperação dos eventos que marcaram a chegada desses imigrantes ao Brasil e dos motivos que os levaram a abandonar seus dialetos de origem para, de uma hora para outra e praticamente sem apoio institucional, passar a falar português, auxiliarão na tarefa de identificação das razões que levaram às características próprias dessa comunidade de fala.

As exemplificações já dadas fazem algumas revelações dos traços fonológicos que caracterizam a fala de descendentes de italianos residentes em Chapecó. Para complementar, destacamos que estes traços podem ser identificados, empiricamente, pela substituição de encontros vocálicos nasalizados de finais de palavras como em [mon] (mão), lateralização de //l/ em palavras como [sal], pronunciadas normalmente como [saw] e, particularmente, troca da vibrante múltipla pela simples em contextos intervocálicos, como em [karo] (carro), evidenciada na letra da música apresentada anteriormente. Este trabalho vai se ater ao aspecto que consideramos ser o mais marcante, que é a dificuldade no uso da vibrante dentro das normas do dialeto-padrão do português brasileiro.

Essa variação será observada basicamente no *corpus* do Banco de Dados VARSUL. Em Chapecó, o banco de dados conta com 24 entrevistas, reunindo informantes de sexos, níveis de escolaridade e idades diferentes, porém todos possuem como característica comum a descendência italiana. Além de apresentar a transcrição que identifica a troca de fonemas, as entrevistas também contribuem por apresentar a história familiar, escolar e cultural dos entrevistados.

Anterior à preocupação com questões acadêmicas e científicas, a convivência em uma comunidade de descendentes de italianos foi um dos motivos que me instigou à busca de respostas claras sobre as questões citadas nesta introdução. Toda a trajetória dos imigrantes, desde a saída da Itália, a passagem pelo Rio Grande do Sul e as dificuldades na construção de uma nova vida no Oeste Catarinense, ainda está presente na lembrança das histórias contadas por meus avós, pais e tios.

Assim como a maioria dos descendentes, meus pais também não estimularam a aprendizagem do italiano por considerá-lo dispensável e pelas lembranças das

dificuldades que enfrentaram na escola, por não dominarem o português-padrão. Assim como nas demais famílias do grupo em estudo, o dialeto original foi-se embora, e as marcas da interferência do italiano permaneceram na fala da família, perdendo-se naqueles que avançaram nos anos de escolarização e alargaram os círculos sociais, e mantendo-se nos demais.

Foi a partir da aproximação com a Sociolinguística que o estudo desta situação se tornou uma meta, um desafio na tentativa de mostrar, dentro do rigor científico que assumem as pesquisas nesta área, as dificuldades das pessoas diante do que é um direito: o de cada comunidade se expressar revelando a sua identidade. Nawa (1989) utiliza-se dos conceitos de Schiffrin (1987), para argumentar sobre os fatores positivos desta aproximação entre o pesquisador e o grupo estudado:

*(...) familiarizar-se com seus interlocutores, ou ser membro do mesmo grupo étnico é uma vantagem porque propicia oportunidades de interpretação mais próximas das normas de uso de línguas, permitindo interpretar os significados sociais, culturais e individuais da fala através do 'background knowledge' de normas e valores compartilhados. (Nawa, 1989: 207)*

Desta forma, apresentamos neste trabalho um pouco dos traços socioculturais e lingüísticos da comunidade de descendentes de italianos de Chapecó, buscando provar a relação entre fatores históricos, sociais, culturais e lingüísticos dessa comunidade.

Iniciamos esta dissertação com a caracterização do fenômeno em estudo, apresentando evidências das dificuldades enfrentadas pelos falantes no emprego do fonema vibrante, e fazendo relação com outros trabalhos já desenvolvidos nesta área. Na seqüência, apresentamos os objetivos, questões e hipóteses que norteiam a realização da pesquisa.

O capítulo seguinte trata do histórico desse grupo étnico, apresentando o percurso da comunidade desde que os antepassados deixaram a Itália e fazendo uma relação entre língua e realidade sociocultural.

O quarto capítulo apresenta o quadro teórico, fundamentado na Sociolinguística, especialmente na Teoria da Variação e Mudança, também discutindo questões como o bilingüismo, difusão dialetal e a conceituação de dialetos.

Em seguida, são abordados os procedimentos metodológicos, que explicam os passos seguidos para a análise e discussão das realizações do fonema vibrante, que vem a seguir. Encerramos o trabalho com um capítulo que aborda o preconceito lingüístico, mais especificamente o preconceito enfrentado pela comunidade de descendentes de italianos residente em Chapecó.

## 1- O FENÔMENO EM ESTUDO

Através da análise do *corpus* desta pesquisa, e de observações empíricas na comunidade, evidencia-se a dificuldade dos falantes deste grupo no emprego do fonema vibrante, de acordo com as normas fonológicas do português padrão. Antes de seguirmos para a caracterização do grupo e para a análise dos dados, faremos, neste capítulo, uma apresentação desses traços lingüísticos, retomando discussões e estudos já realizados sobre o assunto.

Os fonemas são caracterizados como conjuntos de *traços distintivos*, ou seja, são os sons de uma língua que servem para distinguir palavras (Camara Jr., 1994). São os sons que estão em oposição, também considerados como unidades fonêmicas distintas. Em “faca” e “vaca”, por exemplo, feita a substituição de /f/ por /v/, tem-se duas palavras com sentidos diferentes, portanto /f/ e /v/ são dois fonemas. (Silva, 1999)

No caso do fonema vibrante no português brasileiro, embora existam diversos alofones (realizações diferentes de um mesmo fonema), dependendo de fatores contextuais ou extralingüísticos, diversos autores apontam a oposição entre o tepe e a vibrante múltipla. Camara Jr., que em estudo publicado em 1953 afirmava a existência de um único fonema vibrante (cf. Callou e Leite, 1990), posteriormente reviu sua posição, reconhecendo a existência de dois fonemas, que se opõem em posição intervocálica:

*(...) o que distingue o 'fonema' em face do 'alofone' é a sua capacidade de distinguir as formas da língua. Assim, em português, o /r/ forte (seja múltiplo, ou velar, ou uvular, ou fricativo) é um fonema oposto ao /r/ brando (um único golpe vibratório da ponta da língua junto aos dentes superiores), porque com ele se distingue 'erra' de 'era' (...) e assim por diante. (1994:27)*

Callou e Leite (1990) descrevem os estudos históricos que mostram a oposição entre r-forte e tepe. A oposição entre /rr/ e /r/³, de acordo com as autoras, manteve-se na România Ocidental, *por muito tempo apenas quantitativa e mais tarde passou a apresentar uma diferenciação qualitativa.* (p. 74) As autoras mostram ainda que as primeiras gramáticas portuguesas pouco informavam sobre a

---

<sup>3</sup> Mantemos aqui a mesma representação usada pelas autoras para o tepe e a vibrante múltipla, na obra citada.

pronúncia da vibrante, preocupando-se em estabelecer a existência de dois tipos de fonemas: um singelo e outro dobrado.

Diante dessa retomada histórica, Cailou & Leite consideram a existência de duas espécies de /r/ que se opõem fonologicamente, usando como exemplos a distinção entre “carreta” e “careta”. Essa oposição, de acordo com as autoras, se dá apenas em posição intervocálica, porque *nos outros ambientes a oposição fica neutralizada, sendo que: em posição inicial só se dá a vibrante múltipla; como segundo elemento de grupo consonântico ocorre, de preferência, a vibrante simples; e em posição pós-vocálica pode ocorrer um ou outro.* (p.73)<sup>4</sup>

Já para Monaretto (1997), a vibrante se caracteriza por ser um fenômeno com um número relativamente grande de realizações. A autora as divide como r-forte, que pode ser alveolar, fricativo ou aspirado; e r-fraco ou tepe, que se realiza com uma só batida da ponta da língua junto aos alvéolos.

A posição de Monaretto é distinta da defendida por Camara Jr. e por Caliou e Leite, por apontar a existência de um único fonema, com variantes na sua realização. *Os dois tipos de r dependem do dialeto e do contexto lingüístico, e são considerados variantes da vibrante.* (p.25) O estudo desenvolvido por Monaretto (1997) nas três capitais da região Sul apontou que o uso das variantes está condicionado à localidade: a vibrante anterior é mais usada em Curitiba, a posterior manifesta-se mais em Florianópolis, e o tepe aparece mais em Porto Alegre. A autora encontrou significativos registros da retroflexa em Curitiba.

Com os resultados da pesquisa, Monaretto constatou que, em ambiente propício à variação, o pós-vocálico, há na região Sul a preferência pelo tepe, que também foi a forma mais usada na somatória total das ocorrências. Com estes dados, Monaretto defende que *a hipótese de que o tepe é a forma subjacente da vibrante pode ser sustentada pelo alto número de sua frequência perante as demais variantes.* (p.33)

Não pretendemos, por não ser este o objetivo deste trabalho, discutir a existência de um ou dois fonemas vibrantes, entretanto, em princípio, considera-se a oposição entre vibrante múltipla e simples, em posição intervocálica (como em *carro* e *caro*, por exemplo), conforme defendem Camara Jr. e Caliou e Leite.

---

<sup>4</sup> Observa-se, em diferentes autores, formas distintas de tratar o r-fraco, também denominado de vibrante simples, r-brando ou tepe. Utilizaremos de forma indistinta essa terminologia.

A discussão que envolve a existência de um ou dois fonemas, no caso da vibrante, resulta do fato de ser este um dos fonemas consonantais do português brasileiro que mais recebeu atenção de pesquisadores nos últimos tempos. Ogliari (1999) destaca que essa atenção voltada por foneticistas e fonólogos variacionistas decorre da variabilidade no uso da vibrante.

(...) Tais estudos apontaram, entre outras coisas, que a vibrante tem ocorrências e frequências diferenciadas por dialetos, isto é, ou ela pode servir como identificador da região de origem do locutor, ou como marca da sua identidade sociocultural (1999:426).

É com relação à troca entre tepe e vibrante múltipla que a fala da população alvo desta pesquisa apresenta sua característica mais marcante. Os falantes (descendentes de italianos) revelam dificuldade na produção diferenciada entre o tepe e a vibrante múltipla, utilizando-os em contextos que não condizem com as normas do padrão fonológico do português brasileiro.

Assim, pode-se concordar com o que diz Ogliari (1999), para quem o emprego da vibrante pode revelar a identidade cultural do grupo, pois atribui-se a dificuldade dos falantes na diferenciação entre os sons do fonema vibrante no português brasileiro ao fato de o sistema fonológico dos dialetos vênets, do Norte da Itália, de onde veio a maioria dos imigrantes italianos que se destinou ao Rio Grande do Sul e, posteriormente, ao Oeste de Santa Catarina, não apresentar esta diferenciação. Frosi & Mioranza (1983), ao descreverem os aspectos fonológicos dos dialetos vênets (veronês, trevisano e feltrino-belunês), destacam que *os dialetos vênets desconhecem consoantes geminadas*. (p.92)

Para ilustrar essa troca, pode ser utilizada a fala do informante 03, do banco de dados VARSUL. O informante tem 48 anos, é do sexo masculino e tem grau de escolaridade primário. Na sua fala, foram identificadas 1.119 ocorrências do fonema vibrante e, destes registros, apenas seis de vibrante múltipla<sup>5</sup>, cinco em posição de coda silábica e uma em posição intervocálica, em contexto de tepe.

Além do tepe e da vibrante múltipla, foram registradas na fala do informante outras ocorrências do que consideramos inicialmente como uma marcação intermediária entre o tepe e a vibrante múltipla. Considera-se estas produções do

<sup>5</sup> Como o principal objetivo deste trabalho é verificar a interferência dialetal na troca entre vibrante múltipla e tepe, não faremos distinção entre o r-forte anterior [R] e o r-forte posterior [X], utilizando, a partir de agora, apenas a distinção entre [R] - denominada de vibrante múltipla, e [r] denominado de tepe, cujos símbolos fonéticos seguem a caracterização dada por Monaretto (1997).

informante como 'intermediárias' porque a vibração não ocorre com o ápice da língua nos alvéolos, como na realização da vibrante, mas sim com a lâmina da língua, em uma situação que não ocorre com a vibrante no sistema fonológico do português-brasileiro<sup>6</sup>. Pode-se interpretar essas realizações como tentativas do informante de produzir uma vibrante múltipla, um esforço para incorporar o traço do sistema fonológico do português em sua fala. Essa produção intermediária é comum também na fala de outros informantes do banco de dados VARSUL/Chapecó, apontando, possivelmente, para o fato de que a comunidade está buscando ajustar sua fala ao dialeto padrão do português brasileiro. Este aspecto será tratado detalhadamente no capítulo da análise dos dados.

O tepe apareceu em diferentes contextos da fala do referido informante, como indica o quadro a seguir:

Quadro 1: Realizações de tepe na fala do informante CHP03

Realizações do tepe	
início de palavras	45 ocorrências
posição de coda	415 ocorrências
encontros consonantais	248 ocorrências
posição intervocálica (contexto de vibrante simples)	260 ocorrências
posição intervocálica (contexto de vibrante múltipla)	45 ocorrências
<b>Total</b>	<b>1.113 ocorrências</b>

CHP03 – Banco de Dados VARSUL

Do total de ocorrências da vibrante simples, 45 estão em posição intervocálica, utilizadas em contextos nos quais, pelas normas do português-padrão, deveria ter sido utilizada a vibrante múltipla:

(1) (...) e não morri [*mori*], fiquei melhor. CHP 03, SL0922

<sup>6</sup> Opinião reforçada em comunicação oral pela especialista em Fonética Articulatoria da Universidade Federal de Santa Catarina, professora Dr<sup>a</sup> Cláudia de Faveri.

(2) (...) *quem inventou o chimarrão [šimaron] foi o italiano, que eu saiba.*

CHP03, SL1114

O tepe aparece 45 vezes em início de palavras, como em:

(3) *Ele compra roupa [ropa], calçados... CHP 03, SL0618*

(4) *Prá deixar uma criança na rua [rua] CHP 03, SL0650*

O tepe também ocupa contextos de //l/, em encontros consonantais ou em coda silábica, como em:

(5) *“Esse que é o problema [pobrema]”. CHP 03, SL0315*

(6) *“(...) toma conta da casa, faz o almoço [armosoj]”. CHP 03, SL0495*

Já a vibrante múltipla é registrada em posição intervocálica, em contexto de tepe, como em:

(7) *No porão [poRon] de uma casa. CHP 03, SL0210*

E em posição de coda silábica:

(8) *Daí corta [coRta] o tocinho bem fininho. CHP 03, SL0190*

(9) *Judiava os filhos, perdia [peRdia] o emprego. CHP 03, SL0970*

Camara Jr. aponta como o grande problema de quem fala uma língua estrangeira não a má reprodução dos alofones, mas o fato de não sentir os traços distintivos dos fonemas que são mais ou menos semelhantes na sua língua materna, às vezes em situações perturbadoras e cômicas. O autor exemplifica, usando a consoante que, em inglês, é indicada na escrita por *th*, e que pode ser pronunciada por um brasileiro como /t/ ou /s/, os quais existem como fonemas em

inglês. Desta forma, a frase *It is thin* (é delgado), pode soar como *it is tin* (é uma lata), ou *it is sin* (é um pecado). (1994: 135-36)

Talvez possamos explicar casos iguais ao (7) como resultado de hipercorreção: percebendo a existência da vibrante múltipla, mas sem saber aplicá-la de acordo com as regras do dialeto padrão, o falante faz o emprego aleatoriamente, gerando o exemplo citado e outros mais. A hipercorreção é explicada por Langacker (1972) como o *fenômeno do falante que erra ao tentar seguir as normas de um dialeto de mais prestígio do que o seu, nada raro onde se levam normas lingüísticas a sério*. (p.62)

Em estudo realizado junto à comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, PR, Ogliari (1999) identificou características que julgamos semelhantes às da população de Chapecó, entre o grupo estudado por ela. A população de Prudentópolis também encontra dificuldades na distinção entre o tepe e a vibrante múltipla, na fala em português. A autora considera o fenômeno como empréstimo, de certa forma comum entre os falantes bilíngües:

*Os fenômenos estruturais, decorrentes dos funcionais, dizem respeito, por exemplo, aos empréstimos, às interferências e às transferências que ocorrem quando dois sistemas lingüísticos convivem por tempo relativamente longo.* (p. 407)

Langacker (1972) afirma que uma das razões pelas quais as línguas mudam é por influência de outras línguas. Segundo o autor, o empréstimo é um fenômeno lingüístico muito comum. *Provavelmente nenhuma língua cujos falantes tenham tido contacto com qualquer outra língua está completamente livre de formas emprestadas*. (p. 186)

O autor explica que não há como saber realmente até que ponto as línguas afetam umas às outras com relação à sintaxe e à fonologia, mas indica casos que demonstram essa interferência. Um dos exemplos de empréstimo fonológico é o caso das línguas indígenas americanas da região Noroeste da Costa do Pacífico. Essas línguas, de acordo com Langacker, possuem consoantes glotalizadas, traço incorporado através de contato entre as tribos da área.

Ainda com relação a esse aspecto, Langacker considera que os empréstimos de unidades lexicais têm impacto importante sobre o sistema fonológico de uma língua. *Pode-se supor, com efeito, ser esse o mecanismo básico pelo qual as línguas influenciam fonologicamente umas às outras*. (p. 191)

Elizaincín (1992, *apud* Ogliari 1999) reforça a questão dos empréstimos e aponta que quanto mais similares forem as línguas em convivência, mais difícil será para o falante identificar as interferências. A interferência fonológica ocorre principalmente nos casos em que o falante bilíngüe incipiente encontra dois sons no sistema da L2 (segunda língua) sem a contrapartida na L1 (língua materna) (Weinreich, 1953, *Apud* Ogliari, 1999). Esse recurso pode ser apontado como o responsável pela troca da vibrante múltipla pelo tepe, na fala da comunidade chapecoense.

Tratamos, nesta seção, da dificuldade na distinção entre o tepe e a vibrante múltipla, uma situação comum tanto na fala da comunidade em estudo quanto dos descendentes de ucranianos de Prudentópolis. Entretanto, ao contrário da cidade paranaense, em Chapecó não houve a preocupação em manter a língua dos antepassados, o italiano, por questões que serão citadas no capítulo que tratará da contextualização histórica da comunidade. Embora muitos dos descendentes que fazem parte do *corpus* da pesquisa afirmem ser bilíngües (falantes do italiano e do português), observa-se, empiricamente, que muitas dessas pessoas dominam apenas algumas expressões desta língua estrangeira e não o sistema como um todo. O que parece ter restado foi a interferência dos traços fonológicos do dialeto italiano na fala em português, anteriormente apresentados neste trabalho.<sup>7</sup>

Ogliari (1999) também discute a questão da interferência de línguas em contato. Para aprofundar a discussão, ela apresenta quatro sugestões feitas por Mackey (1968): nível, função, alternância e interferência. O nível se refere à proficiência do falante, que conhece duas línguas e tem habilidade em ambas. A função trata do uso que o falante faz das duas línguas. A alternância volta-se à passagem do bilíngüe de uma língua para outra. A interferência relaciona-se com o que consideramos o mais pertinente para a comunidade em estudo, assim descrita por Ogliari: *A interferência refere-se à maneira com que o bilíngüe domina as línguas, mantendo-as separadas ou amalgamando-as em seu repertório.* (p. 231)

A partir dessa constatação, mostra-se de grande relevância para este trabalho o resgate do percurso histórico da comunidade de descendentes de italianos de Chapecó. O resgate histórico permitirá delinear de que modo a comunidade se

---

<sup>7</sup> Opinião reforçada por Vitalina Frosi, em comunicação pessoal.

estruturou, desta forma, oferecendo subsídios para a discussão da realidade lingüística vivida hoje pelo grupo.

Reforça-se a necessidade de investigação dos fenômenos sociais pela importância dada por Labov a questões dessa natureza. Em um estudo clássico da Sociolingüística, Labov ([1972] 1996) utilizou a vibrante como objeto de análise na associação entre língua e fatores sociais, apontando a relação entre a presença e a ausência de /r/ em posição pós-vocálica e os fatores sociais envolvidos na produção fonológica. A correlação é explicitada pelo fato de que a frequência do /r/ nesta posição foi introduzida em Nova Iorque como variável de prestígio nos anos que seguiram a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, a norma atualmente considerada como vulgar, sem o /r/, foi em outro tempo modelo de prestígio, por influência londrina, ainda no início do século XIX.

Labov desenvolveu a pesquisa em três lojas de departamentos de Nova Iorque: Saks (classe alta), Macy's (classe média) e S. Klein (classe baixa). Os resultados da investigação indicaram que o uso total ou parcial do r-constritivo é uma das características de um novo padrão de prestígio que se sobrepôs ao padrão nativo de Nova Iorque. Portanto, a ausência do /r/ nesta posição fonológica é estigmatizada socialmente e a presença do segmento fônico considerada de prestígio.

No caso em estudo, entre os falantes de Chapecó, a troca entre as vibrantes parece, à primeira vista, ter relação direta com a antecedência italiana ou com o convívio com descendentes. O informante D. (CHP15, BD Varsul) serve como exemplo desta constatação empírica. Morador de Chapecó desde 1949, foi um dos primeiros comerciantes da cidade e ainda tem seu estabelecimento, uma relojoaria, na avenida central. Com grau de instrução ginásial, conta na entrevista que frequentou aulas de inglês e de francês. Tem dois filhos com instrução superior. A fala do informante é marcada pela troca da vibrante múltipla pelo tepe e pela presença do que chamamos, inicialmente, de vibrante 'intermediária'.

## **2. OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES**

### **2.1 Objetivo geral**

Discutir a questão dialetal em Chapecó e suas implicações, considerando o contexto histórico e social e a análise de um fenômeno específico de variação fonológica - a realização da vibrante por descendentes de italianos.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Traçar a trajetória histórica e social da comunidade local.
- Descrever a realização variável do fonema vibrante e seus condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos.
- Identificar o tipo de variação que envolve a realização da vibrante: no indivíduo ou na comunidade?
- Discutir a questão do preconceito relativo às características lingüísticas da comunidade.

### **2.3 Questões norteadoras**

- 1) Em que medida a trajetória sócio-histórica da comunidade pode elucidar fenômenos lingüísticos registrados atualmente?
- 2) Como os falantes descendentes de italianos realizam o fonema vibrante em contextos tidos como de vibrante múltipla no português-padrão (em início de palavras e em posição intervocálica)?
- 3) Como os falantes descendentes de italianos realizam o fonema vibrante em contextos tidos como de tepe no português-padrão?
- 4) Em qual dos contextos acima descritos ocorre maior variação?
- 5) Quais os fatores condicionantes para as realizações em 2) e 3)?
- 6) Em relação à realização da vibrante, existe variação no indivíduo ou na comunidade?
- 7) É possível identificar evidências explícitas de preconceito na comunidade?

## 2.4 Principais hipóteses

- 1) O resgate da história da comunidade não só lança luzes sobre a caracterização de fenômenos lingüísticos atuais, como fornece explicações para tais fenômenos, especialmente no que diz respeito à situação de contato de línguas.

No caso da comunidade em estudo, este resgate histórico revelará a forma de aprendizagem do português pela população de descendentes de italianos, considerando que a maioria conviveu por muitos anos em contato apenas com os dialetos trazidos da Itália.

- 2) Os descendentes de italianos de Chapecó não aplicam adequadamente a regra de distinção entre a vibrante múltipla e o tepe existente no sistema fonológico do português brasileiro, empregando variavelmente uma e outra vibrante em contextos que seriam específicos de cada uma.

Camara Jr. (1994) e Callou & Leite (1990) apontam a oposição entre as vibrantes apenas em posição intervocálica, onde a troca da vibrante simples pela múltipla muda o sentido da palavra, como em *carro* e *caro*. Nos outros ambientes, a oposição fica neutralizada, havendo convenções para o seu uso, de acordo com as regras do português padrão.

Em uma primeira observação dos dados encontrados no Banco do VARSUL/Chapecó, verifica-se que os falantes descendentes de italianos têm problemas para fazer esta distinção, não só em casos de oposição fonêmica, como também nos demais ambientes. As entrevistas catalogadas apontam a utilização das vibrantes em contextos que não condizem com as normas do dialeto-padrão. Como em:

(10) “No porão [**poRon**] de uma casa”. CHP 03, SL0210

(11) Até o falecido pai tinha serraria [**seraria**]. CHP 03, SL0257

(12) Pendurava assim num arame [**aRame**]. CHP 03, SL0740

- 3) A utilização do tepe em contextos padrões da vibrante múltipla é maior do que a utilização da vibrante múltipla em contextos da vibrante simples, o que pode ser

justificado, inicialmente, pelo pouco contato que os falantes descendentes de italianos têm com a vibrante múltipla, já que os dialetos vênéticos, trazidos pelos imigrantes, não contêm esse segmento fônico (cf. seção anterior). Com o passar dos anos, esse traço dos dialetos italianos passou a ser incorporado na fala em português, pela comunidade local.

- 4) Os condicionamentos sociais são mais relevantes do que os lingüísticos para a realização variável da vibrante pelos descendentes de italianos. Acostumados com um dialeto que não dispõe de dois fonemas vibrantes, os usuários tenderiam a utilizar a regra fonológica dos dialetos italianos no português. Exigências sociais podem ser responsáveis pela utilização da vibrante múltipla em contextos inadequados ao português padrão. Isso se explicaria pela tentativa dos falantes de utilização da regra fonológica do português, sem a clareza suficiente sobre o seu emprego adequado dentro do dialeto padrão.

Com relação aos fatores sociais, as expectativas são: quanto à variável sexo, as mulheres vão permanecer mais de acordo com o padrão; quanto à idade, as realizações dos mais jovens respeitarão mais as regras do português padrão; quanto à escolaridade, os mais escolarizados estarão mais de acordo com o padrão; quanto ao bilingüismo, os monolíngües apresentarão menos variação.

Com relação às variáveis lingüísticas, não se tem uma expectativa definida sobre os fatores mais relevantes. O que se prevê está fundado em estudos já realizados, como os de Rossi (2000), e que apontam que contexto anterior, posterior e a tonicidade são os fatores lingüísticos mais relevantes.

- 5) A variação é uma característica forte da comunidade local, pois a maioria dos descendentes de italianos residentes em Chapecó seguiu o mesmo percurso e conviveu por muito tempo como um grupo fechado, o que lhes proporcionou características lingüísticas semelhantes. Por outro lado, além da variação na comunidade, também há variação em um mesmo indivíduo.
- 6) Destacamos a convivência fechada que o grupo de descendentes de italianos teve, durante um longo período de tempo. Mais recentemente, a comunidade se abriu à convivência com outros grupos, com o acesso à escola, o êxodo rural,

com a expansão do comércio na cidade e a interferência dos meios de comunicação. Chapecó também recebeu, nas últimas décadas, um grande número de habitantes vindo de outras regiões do país. O preconceito para com o dialeto desse grupo étnico (italiano), acredita-se inicialmente, vem de falantes de outros dialetos que atualmente convivem em Chapecó e é solidificado pela cobrança da mídia.

### 3- HISTÓRICO DA COMUNIDADE: A MIGRAÇÃO ITALIANA

O desenvolvimento deste trabalho não inclui aleatoriamente o resgate da história da comunidade. A decisão foi tomada por acreditarmos que seguir esta trajetória é imprescindível para a compreensão dos fatores envolvidos na formação do que conceituamos inicialmente como um dialeto local. A retomada encontra amparo no que diz Labov, quando aponta que: *El examen minucioso del presente muestra que buena parte del pasado está todavía entre nosotros. El estudio de la historia se beneficia de la continuidad del pasado y de las analogías con el presente* ([1994] 1996: 69).<sup>8</sup>

É pelo viés da estreita ligação entre passado e presente que desenvolvemos esta pesquisa, por evidenciarem-se os fatores que marcaram a formação da comunidade tiveram importância significativa nas características lingüísticas hoje presentes entre o grupo étnico pesquisado e até entre os demais com os quais convive.

Diversas obras foram escritas e descrevem a trajetória da imigração italiana no Oeste Catarinense. Podemos citar as de Renk (1989, 1993, 1995, 1997, 2000), Radin (1996), Rossetto (1995), entre outras. Estes estudos, de cunho histórico e antropológico, de forma geral, retratam a situação de superioridade da comunidade de descendentes de italianos em relação às de caboclos e índios, expulsos pelo poder econômico das colonizadoras que, durante o processo colonizatório, privilegiaram os *de origem*.<sup>9</sup>

A proposta aqui, ao seguirmos este percurso histórico, é mostrar a também árdua jornada dos imigrantes italianos e desvelar uma situação ainda pouco comentada, que é o preconceito em relação aos traços culturais e lingüísticos da comunidade de descendentes italianos, também reflexo da trajetória histórica do grupo. Sua forma de falar é muitas vezes estigmatizada como *língua da roça*, porque os imigrantes vieram para a região para trabalhar como colonos.

---

<sup>8</sup> O estudo minucioso do presente mostra que boa parte do passado está entre nós. O estudo da história se beneficia da continuidade do passado e das analogias com o presente.

<sup>9</sup> Forma como se identificam e são identificados os descendentes de europeus. (Renk, 1997)

### 3.1 Retrospectiva histórica

Caracterizada como uma cidade de colonização italiana, Chapecó (assim como outros municípios do Oeste de Santa Catarina) começou a receber, no início do século XX, uma população já familiarizada com a vida no Brasil. Eram, na sua maioria, imigrantes italianos que, no século anterior, haviam deixado a Itália e partido em busca de uma vida nova além do oceano. Parte dos que vieram para Chapecó eram filhos já adultos destes imigrantes que, como os pais, partiam para novas terras em busca de uma vida de mais prosperidade. Hábitos e tradições, mantidos até hoje, contribuíram para a formação de características peculiares deste grupo, observadas durante a realização deste trabalho. Por isso, seguiremos, em ordem cronológica, a trajetória da população de descendentes de italianos que vive hoje em Chapecó.

A história da migração italiana para o Brasil começou no final do século XIX. A Segunda Revolução Industrial e a corrida imperialista, eventos que marcaram fortemente o período, provocaram enormes transformações na Europa. O desenvolvimento do capitalismo, em países como a Alemanha e a Itália, gerou um enorme contingente de pessoas sem terra e sem trabalho. A Revolução Industrial liberou grande quantidade de mão-de-obra, tanto no campo, quanto nas cidades. Convulsões políticas também assolaram o território europeu, criando insegurança em uma parcela significativa da população, especialmente da classe baixa. A situação de caos social foi um estímulo à emigração. Em 1870, 115.000 italianos estavam fixados fora da Europa. (Piazza, 1976)

Para facilitar a emigração, apenas homens com idade entre 20 e 28 anos precisavam de autorização do governo para deixar o país. Gianfausto Rosselli (1993, *apud* Radin, 1996) aponta que, em 40 anos, entre 1876 e a Primeira Guerra Mundial, 14 milhões de italianos migraram. O número alto deixa dúvidas quanto às causas da necessidade da emigração e quanto à posição do Governo diante da situação:

*Tal movimento coletivo não pode ser visto como um ato voluntário. Sem dúvida esse grande êxodo de massas humanas não foi algo natural, pois em confronto com a população do país, nenhum outro povo moderno sofreu semelhante evasão. (Radin, 1996:47)*

A crise econômica e o desemprego mexeram também com os sentimentos familiares, fazendo com que as famílias se dividissem, abandonando aqueles que

atravessavam o oceano, com remotas possibilidades de um reencontro. Era uma questão de necessidade: *Os que partiam eram considerados um peso a menos e melhor seria esquecê-los.* (Ibidem:46)

Durante muitos anos, os camponeses europeus viveram essencialmente da terra, do trabalho familiar e atrelados às normas morais da Igreja. Eram explorados pelos grandes senhores de terras e pelos altos impostos fiscais, além de serem atacados por muitos tipos de doenças decorrentes das péssimas condições em que viviam. Diante desse contexto, fica esclarecido, a emigração era uma saída interessante para as autoridades:

*(...) levando para fora do país os descontentes, os desempregados, os mais corajosos, evitou-se até certo ponto perturbações políticas e sociais, reduziu-se as despesas para manter a ordem pública, garantiu-se o monopólio do poder político dos grandes proprietários no Sul e dos tradicionais grupos econômico-financeiros do centro-norte, permitindo adiar reformas como a agrária.* (Ianni, 1972:13)

Assim, pais e filhos se separaram, a maioria sem nunca mais tornar a ver os familiares, partindo em busca de uma nova vida em terras distantes, sem muitas certezas do que encontrariam.

### **3.2. Os italianos no Brasil**

Os imigrantes italianos chegaram ao Brasil, dirigindo-se principalmente às regiões Sul e Sudeste, em um momento de constituição do Estado Republicano, quando existia uma forte preocupação com a imagem nacional, sustentada pela questão da formação do povo. Pensando em uma nova identidade para o Brasil, o Governo passou a oferecer incentivos aos imigrantes. Ainda como estímulo à imigração, havia a série de mudanças no mercado, provocada, principalmente, pela abolição da escravatura, em 1888.

Com relação à situação dos escravos recém-libertados, é necessária uma observação: com a abolição, a mão-de-obra negra, vinda do continente africano, deixou de servir ao capital. Era forte o preconceito quanto ao modo de vida, crenças religiosas e tradições dos negros, sendo este um fator que levou à busca de uma nova leva de trabalhadores, desta vez livres e europeus. A preocupação com a formação de uma nova identidade nacional é comprovada pelas exigências que se faziam dos imigrantes italianos, destacadas por Colbari:

*(...) o imigrante devia ser: agricultor, sadio, laborioso, moralizado, maior de 2 anos e menor de 45, salvo se fosse chefe de família e com tolerância de alguns pertencerem a outras profissões. (1997:55)*

A imigração atendia à expectativa de mudanças físicas da população brasileira e da reforma moral da sociedade. Isso porque os negros libertos, índios e mestiços eram vistos como preguiçosos e indolentes, sem muita resistência ou valorização do trabalho. A função dos imigrantes era a de atender à idéia de regeneração do povo e de uma reforma moral, diante das características da população local, que não agradavam ao grupo dominante. Entre as características dos imigrantes italianos vistas com mais simpatia estavam o apego à religião, ética no trabalho, higiene, domínio das técnicas de produção, senso de organização e respeito às leis. (Colbari, 1997:59)

Para atrair os imigrantes, o Governo criou núcleos coloniais de pequenos proprietários, com isso garantindo o povoamento de regiões pouco habitadas e a substituição da mão-de-obra escrava na produção mercantil-exportadora. A vinda para o Brasil, como imigrantes livres, não os privou, entretanto, de passar por sérias dificuldades. Eles enfrentaram a falta de estrutura básica como moradia, estrada e instrumentos de trabalho. Foram obrigados, independente da condição de liberdade que os escravos africanos não tiveram, a trabalhar pesado para garantir a subsistência.

### **3.3 Do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, uma nova aventura**

A maior parte da população italiana que vive em Chapecó, assim como em todo o Oeste do Estado, é descendente de imigrantes que fizeram a primeira parada no Brasil pelo estado do Rio Grande do Sul, uma trajetória que será brevemente descrita aqui.<sup>10</sup>

Como citado anteriormente, os imigrantes italianos deixaram a terra natal em busca de melhores condições de vida, principalmente pela expectativa de passar, no Brasil, à condição de proprietários. O processo de entrada de imigrantes

---

<sup>10</sup> Segue-se esta trajetória pela história da colonização no Oeste. Entretanto, a entrada de imigrantes italianos em Santa Catarina iniciou no século XIX. Entre 1875 e 1884 entraram no estado mais de 150 mil italianos. Eles se fixaram nas regiões do Vale de Tijucas e do Vale do Itajaí, agrupados em colônias, na região Centro-leste do estado. (Piazza, 1971)

italianos, no que eram as últimas regiões gaúchas ainda não desmatadas, ocorreu a partir de 1882. As companhias colonizadoras adquiriam grandes áreas do Governo e as revendiam, em pequenos lotes, aos imigrantes.

Entretanto, a vida dos imigrantes na nova terra logo deparou-se com as primeiras barreiras. As melhores terras do estado gaúcho já estavam ocupadas pelos brasileiros e mesmo por imigrantes alemães, que contavam com 50 anos de experiência em terras riograndenses. Com essa ocupação avançada, o Rio Grande do Sul já apresentava um clima hostil em relação à colonização europeia. Assim, para os italianos foi destinada uma região montanhosa e isolada. (Manfrói, 1993)

As dificuldades motivaram um novo movimento migratório da população italiana, neste período já formada por grande número de filhos e até por netos de imigrantes. Esse movimento se intensificou nas primeiras décadas do século XX, levando à ocupação de grandes áreas no Oeste Catarinense. Com a imigração, mais uma vez, a população de italianos, e agora também de descendentes, atendia a expectativas governamentais, com a ocupação de áreas até então pouco exploradas. Para essa população, é comum ouvirmos a atribuição do título de *desbravadores*, camuflando as dificuldades e os verdadeiros motivos que levaram à migração. Zambiasi (2000) descreve com clareza essa situação:

*A História oficial, de maneira ufanista, os categoriza como 'desbravadores', no sentido de que havia um projeto coletivo e patriótico na cabeça desses imigrantes para colonizar o oeste de Santa Catarina. (...) A luta pela sobrevivência é que realmente direcionou os passos dessa gente. (2000:33)*

A chegada dos descendentes de italianos ao Oeste também gerou conflitos étnicos<sup>11</sup>. O movimento migratório levou à expulsão dos luso-brasileiros que não tinham documentos de posse da terra. Os caboclos<sup>12</sup> também enfrentavam o preconceito, pois não eram considerados trabalhadores e seus costumes não eram aprovados pelos italianos. Esse processo pode ser associado com o fenômeno registrado no final do século anterior, quando a imigração europeia era incentivada porque havia forte rejeição aos costumes dos negros recém-libertados. Mais uma

---

<sup>11</sup> Entendendo-se aqui por etnicidade o que diz Renk (1989), que explica grupo étnico como uma coletividade de pessoas que participam de alguns padrões de comportamento normativos e fazem parte de uma população maior, interagindo com pessoas de outra coletividade, dentro de um sistema social global.

<sup>12</sup> São denominados de caboclos os luso-brasileiros que habitavam a região Oeste de Santa Catarina, antes da chegada dos imigrantes europeus. Era uma população que não tinha títulos de propriedade das terras e, por isso, ia avançando na mata, quando da chegada dos colonizadores.

vez, registra-se a interferência governamental, incentivando a colonização por descendentes de europeus, com direitos que não eram concedidos à população descendente dos ex-escravos.

Mantendo este preconceito aos costumes caboclos, os italianos que migraram para o Oeste Catarinense acabaram fechados em pequenas comunidades. Desta forma, preservavam seus costumes, sua sistemática de trabalho e seu jeito de falar.

A vida em família, as reuniões comunitárias e religiosas mantinham os italianos em convívio restrito ao grupo étnico, o que fez com que conservassem os dialetos trazidos do Norte da Itália<sup>13</sup>. Zambiasi (2000) destaca o valor sentimental impregnado na insistência em manter as características lingüísticas para este grupo: *A língua parece ser um compromisso sagrado com os seus antepassados e ao mesmo tempo faz parte de sua visão de mundo, sem a qual parecem andar em areia movediça.* (2000: 48) Por muitos anos, e para alguns por toda a vida, o italiano foi a única língua conhecida. Entretanto, com o passar do tempo, uma série de fatores mostrou aos descendentes de imigrantes instalados na região a necessidade de falar o português.

Essa discussão será aprofundada na próxima seção, na qual faremos uma retrospectiva histórica sobre a questão lingüística no Brasil, iniciando pelo período da colonização, até chegar à Campanha de Nacionalização, que mudou a situação dos imigrantes europeus.

### **3.4 Colonização, imigração e aspectos lingüísticos envolvidos no processo**

O percurso histórico apresentado na seção anterior serve como base para a trajetória que seguiremos agora. Abordamos, através da história dos imigrantes italianos, parte da colonização dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A formação étnica da população influenciou os costumes, tradições e características lingüísticas da região.

Julgamos necessário discutir um pouco a formação étnica brasileira, para compreender melhor como as questões lingüísticas foram e são tratadas no país.

---

<sup>13</sup> É importante destacar que os imigrantes italianos que vieram para o Brasil, ainda no século XIX, trouxeram para o país os dialetos de suas regiões, que não representam o italiano oficial e sim, no caso do Rio Grande do Sul, os dialetos da região do Vêneto.

Esta seção baseia-se nos estudos sociolingüísticos, tomando como suporte também a Lingüística Histórica.

Um princípio da Lingüística Histórica sustenta que: *A estrutura de uma língua somente será totalmente entendida, à medida que se compreenda efetivamente os processos históricos de suas configurações.* (Tarallo, 1999:64) Desta forma, o estudo da língua segue a concepção de que não se pode considerar apenas a *história interna* das línguas, mas também a *sua história externa: (...) para além das mudanças lingüísticas no interior das estruturas ao longo do tempo, voltam a nos interessar os contextos sociais históricos em que essas mudanças se processaram e processam.* (Mattos e Silva, 1995:73)

Labov ([1994]1996) deixa bem clara a importância dessa retomada para o estudo da língua de uma comunidade:

*El primer paso para um investigador avezado es buscar cualquier estudio previo que tenga que ver con el tema investigado. Uno debería usar automáticamente el pasado para interpretar el presente – éste es el procedimiento normal de la lingüística histórica<sup>14</sup>* (Labov, [1994] 1996: 138).

Este resgate também permite entender as razões pelas quais determinado idioma é elevado à condição de língua nacional. De acordo com Ilari (1992), os motivos *dizem respeito às funções que esse idioma desempenha na comunidade que o fala: uma língua nacional é um idioma que responde a todas as necessidades de uma sociedade.* (1992:215) Portanto, para estudar um fenômeno lingüístico observado na atualidade, é importante antes a investigação dos fatos que levaram à situação atual, com sua diversidade e padronização de um dialeto, em detrimento de outros.

### **3.4.1 Português: imposição dos colonizadores**

O português, no Brasil, foi elevado à condição de língua nacional como uma imposição à população indígena que aqui vivia. Para Orlandi (1990), o contato intenso entre brancos e índios, no período da colonização, aconteceu de uma forma

---

<sup>14</sup> O primeiro passo para um investigador criterioso é buscar um estudo prévio que tenha a ver com o tema investigado. O estudo deveria automaticamente usar o passado para interpretar o presente - este é o procedimento normal da Lingüística Histórica.

unilateral: a língua do índio era tida como primitiva, mas não no conceito de primeira, nata deste país, mas sim de *selvagem*.

A língua indígena era tratada no período de catalogação das línguas faladas no Brasil - e ainda, de certa forma, o é - de maneira simplificada. Com relação ao Tupi-Guarani, por exemplo, embora a família reúna mais de 20 línguas, era classificada como uma só. Leite elucida:

*O mito da homogeneidade lingüística e cultural brasileira encontra aqui suas mais profundas raízes. Desde criança o brasileiro é educado para não ver a diferença e, quando se depara com ela, julga-a um erro e só encontra a solução de apagá-la. (1996:83)*

A língua portuguesa foi transmitida aos índios através dos catequisadores. Mattos e Silva (1995) aponta que o português brasileiro constituído no período colonial e no primeiro século da independência era adquirido assistematicamente, sem interferência do ensino escolar. Era, portanto, uma língua transmitida na oralidade, sofrendo com isso as limitações naturais, em um país de tão grandes dimensões territoriais.

Além das línguas indígenas que existiam espalhadas pelo Brasil, a chegada dos africanos, trazidos para trabalharem como escravos nas lavouras, contribuiu ainda mais para a diversidade lingüística. A partir do trabalho de Mussa (1991) sobre o papel das línguas africanas na história do português brasileiro, Mattos e Silva faz a seguinte observação:

*(...) não se pode compreender a história do português no Brasil sem levar em conta, em pé de igualdade lingüística e não apenas como contraponto, os 'aloglotas', o percurso histórico das populações e suas línguas que aqui conviveram e convivem com a língua portuguesa. (Ibidem:78)*

Por fim, a Assembléia Constituinte de 1823 garantiu a vitória da língua portuguesa sobre as demais faladas no país. Foram observadas pelos representantes de várias províncias, na época, apenas diferenças de prosódia. Callou (1995) considera que: *Esta hegemonia não dependeu de fatores lingüísticos, mas sim históricos e, desde então, uma língua padrão se formou - embora com variedades regionais e sociais - e passou a gozar de prestígio (1995:89).*

As primeiras décadas do século XX também foram marcadas por iniciativas governamentais que buscaram consolidar a língua portuguesa como língua nacional. Neste período, mais uma vez, observam-se fatores sociais e ideológicos

por trás de atitudes aparentemente lingüísticas. Fiori (1995) sintetiza o processo de mudanças culturais e lingüísticas impulsionado pelo governo, na seguinte frase: *A prioridade da elite política brasileira foi a de impregnar o país de 'nacionalismo', antes de 'democracia'*. (p. 02)

Na década de 30, o governo de Getúlio Vargas tenta, através da política de nacionalização, alcançar a integração nacional. Neste período, a diversidade étnica do país é ainda maior, com a entrada de imigrantes europeus, no final do século XIX e início do século XX.

Mais uma vez, uma imposição governamental modifica não apenas o modo de falar, mas o modo de vida da população brasileira. No caso dos imigrantes europeus, a política de nacionalização abalou a vida de um povo que tinha na língua os laços com um passado que buscava manter vivo. Afinal, havia deixado além do mar familiares e a terra natal.

A necessidade de aprender o português transformou a realidade desta população, independente de o país de origem ser a Itália, a Polônia, a Alemanha ou qualquer outro. Baertnert-Fuerst, em um estudo realizado em 1985, resgata as interferências da política de nacionalização na comunidade de fala alemã de Panambi (RS). Nesta localidade, a política governamental levou ao fechamento de escolas nas zonas urbana e rural. O idioma alemão também foi proibido em outras repartições públicas e igrejas levando ao que a autora chama de *conflito inter-étnico em nível nacional*. (1989:222)

Com a Campanha de Nacionalização, implantada pelo Estado Novo, em 1938, o Governo Federal restringiu o uso de línguas estrangeiras. A situação cultural, econômica e social das famílias de imigrantes italianos, em estudo neste trabalho, começou a ser observada atentamente pelo Governo. O mesmo ocorria com as outras comunidades de descendentes de estrangeiros.

O Governo concentrou esforços da campanha nos estados do Sul, na chamada região meridional. Passou então a contribuir com os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, para a criação de escolas *brasileiras*. Essas escolas destinavam-se ao ensino de Língua Portuguesa, Geografia e História do Brasil. Era a *nacionalização do ensino*. Os investimentos se justificam - embora a maior parte dos recursos para implementação dessas escolas tenha ficado sob o encargo dos estados - pela quantidade de brasileiros natos, nessa região que

tinham um idioma estrangeiro como língua de comunicação doméstica. O Censo de 1940 indicava que o alemão e o italiano eram os idiomas mais falados pelos brasileiros natos: 644.255 falavam o alemão e 458.093 o italiano. (Fiori, 2000: 179)

Como o Governo estava convicto de que a política de nacionalização passava pela eliminação dos idiomas estrangeiros e pela difusão da língua vernácula, fechou-se um verdadeiro cerco para controle dos imigrantes e seus descendentes. A caracterização do período, feita por Fiori, ilustra a realidade da época:

*Havia um clima denso de delações e, embora em zona rural onde todos se conheciam, as pessoas chegavam a se cruzar pelos caminhos sem se cumprimentarem. Era o medo - no presente caso, medo e silêncio gerados pelo fato de não falar (ou não falar bem) a língua portuguesa. (2000: 189)*

Uma prova do temor que a Campanha provocou nos imigrantes é o relato do informante D., do Banco de Dados do Projeto VARSUL (SCHP05). Indagado sobre a comunicação em italiano, quando vivia com os pais em Cruz Alta (RS), deu à entrevistadora a seguinte resposta:

*(13)) - Sim, sempre falava quando eu era pequeno, mas depois que saí fora não pude mais falar porque era perseguido, né? (...) a polícia, se tu ia falar numa rodoviária, ali eles pegavam.*

*- O senhor lembra de algum amigo do senhor que foi preso por causa disso?*

*-Eu lembro, mas já morreu. É (foi preso) porque falava italiano. Ele não sabia falar brasileiro porque veio da Itália, né? (CHP05L055-076)*

Uma série de outros depoimentos, encontrados nas entrevistas dos descendentes de italianos ao Banco de Dados VARSUL/Chapecó, reforça a preocupação dos descendentes, diante da Campanha de Nacionalização: *Mas todos esses imigrantes, de origem italiana e alemã, sofreram essa perseguição, né? Por parte de certas autoridades, né? (...) Eram perseguidos só pelo fato de falarem a língua italiana. (CHP22L0260)*

Instaurou-se neste período uma preocupação desmedida do Governo com uma *escola brasileira*. Situação que deixou na população formada por descendentes de imigrantes marcas bem mais profundas do que o abandono do dialeto étnico. O modelo de escola implantado para atender aos anseios da nacionalização não

soube tratar as diferenças lingüísticas de forma adequada, criando um sentimento de inferioridade nos imigrantes e filhos de imigrantes, invertendo a situação dessas família. *Os migrantes, que pelo discurso oficial, a princípio, foram identificados como a chegada da civilização, passaram a sofrer diversas restrições no seu modo de ser.* (Radin, 1996:130)

Acresce-se, neste ponto, o fato de que as características da população de descendentes de europeus, que por muito tempo - desde a imigração - foram consideradas como *superiores* às da população de luso-brasileiros, assumiram outra conotação: *passaram a ser entendidas como incômodas expressões de diversidade cultural e mesmo de subversão política.* (Fiori, 2000:172)

A ameaça aos que falavam línguas estrangeiras gerou um sentimento de inferioridade, levando ao extremo de considerar os imigrantes e seus descendentes como traidores da pátria.

(14) *Naquela época, ser italiano ou alemão era horrível, porque eram chamados de traidores da pátria. (...) Eram chamados de quinta coluna, e havia uma perseguição dos estrangeiros, embora não tivessem feito nada contra o Brasil, fossem patriotas tanto quanto os outros.* (CH24L0428)

A instituição escolar ocasionou um afastamento dos costumes lingüísticos e culturais trazidos pelas famílias de descendentes de europeus. A escola, orientada pelos ideais nacionalizadores, transmitiu às crianças o sentimento de que falar outra língua, que não o idioma vernáculo, não condizia com sua condição de brasileiros. A partir desse processo educativo/ideológico, o aluno não queria mais ser *diferente, carregar pela vida afora as marcas de pessoas cujas raízes tinham vindo de fora - doutros povos ou nações.* (Fiori, 2000:194)

Diante dessas concepções incorporadas pelos estudantes, criou-se um estigma do *ser estrangeiro* e, por isso, língua e cultura étnicas deixaram de ser assimiladas, de maneira praticamente uniforme, pelas gerações que se seguiram, porque os pais não mais transmitiram os dialetos italianos para os filhos: *Quando eles (filhos) eram menores, falar italiano era assim, um pouco estranho, cafona, né?* (CHP16L0632)

A imprensa do Oeste Catarinense também reforçou a Campanha de Nacionalização, destacando a necessidade de investimentos do governo na

escolarização dos imigrantes, na nacionalização do clero, entre outras<sup>15</sup>. O fato pode ser comprovado pelo texto extraído por Radin do Jornal Voz do Oeste, de 1939:

*(..). os colonos consideram-se superiores aos brasileiros, caboclos e não caboclos, identificam-se como 'italianos', 'alemães'. Ao encontrarem um brasileiro, este é afavelmente recebido, entabola-se a mais franca e cordial palestra em língua portuguesa, porém, logo que chega um nacional de origem, ou patricio como eles dizem, pronto, o brasileiro fica de lado e com ele o nosso idioma pátrio; nessas palestras, geralmente comentam-se fatos dos países de seus antepassados; em suas festas, homens, mulheres e crianças embora conhecedores da língua portuguesa, só falam a de seus avós transoceânicos. (Apud Radin, 1997:137)*

A Campanha de Nacionalização provocou uma brusca mudança no cotidiano dos descendentes de italianos que viviam na região. De uma hora para outra, eles, que preservavam intensamente seus costumes e os consideravam, em sua maioria, superiores aos da população cabocla, viram-se obrigados a mudar os hábitos lingüísticos bruscamente, acarretando a uma perda de identidade. A maioria dos descendentes de imigrantes passou a evitar falar o italiano e, principalmente, ensiná-lo aos filhos, já que a escola considerava, erroneamente, que o bilingüismo atrapalhava a aprendizagem do português.

*Em termos educacionais, no entanto, teria sido mais significativo se a escola tivesse favorecido e possibilitado a formação de uma população bilingüe. No entanto, a partir da campanha nacionalista, a língua materna dos imigrantes passou a ser vista como idioma ridículo ou estrangeirismo exótico. (Ibidem:139)*

Depois de uma massiva perseguição, por parte do governo, os italianos mudaram hábitos que estavam arraigados a sua cultura. É o que se percebe na fala de muitos descendentes, quando estes recuperam a trajetória de seu grupo étnico.

*(15) Eu me lembro de vizinhos, de familiares, de parentes, de amigos que foram postos na cadeia, foram surrados, porque era quinta coluna, porque era italiano, porque falava italiano, porque falava alemão. (...) Então a gente procurou*

<sup>15</sup> Embora no Oeste a pressão para que os imigrantes italianos usassem a língua portuguesa tenha sido intensificada na década de 30, ainda no século anterior a exigência de que aprendessem o idioma nacional havia ocorrido no Vale e no Sul do Estado. Em 1852, o presidente José Coutinho defende a necessidade de nomeação de um professor brasileiro na Colônia Dona Francisca. A língua trazida da Itália, no entanto, é conservada principalmente através da Igreja, numa espécie de associação entre a língua materna e a fé cristã. (Sachet, 1997)

*apagar as origens. Por quê? Porque falar em italiano era feio, era horrível. (Ch24L0471)*

Apagar as origens significou para os italianos deixar de lado a cultura do seu povo e, como a língua italiana se tornou alvo de perseguição, evitá-la, o que foi sendo tomado como regra pelo grupo e seus descendentes. É o que se reforça no depoimento da informante I. (CHP01) do VARSUL. Com 42 anos, a informante conta que não ensinou o italiano aos filhos porque eles não aceitaram.

*(16) Eles nem querem que eu ensine. Disseram: Ih! Mãe, essa língua ali nem fale com nós, não adianta, nós não podemos depois falar com os outros, se eles não entendem, eles dão risada. (CHP01L0349-0354)*

O receio de exposição ao riso dos demais revela o preconceito em torno do dialeto dos antepassados. O que poderíamos exemplificar pelo fato de que ninguém acha graça de pessoas que dominam o inglês, sendo que, neste caso, o bilingüismo é visto como sinônimo de cultura. Garcez e Zilles (2000) apontam o fato de que os falantes do português, tendo em mente a representação que fazem daqueles que falam o inglês, associam à língua inglesa valores que vão desde dinamismo progressista, consumo, comodidade e avanço tecnológico, com os quais desejam se associar. Embora os mesmos autores apontem a existência de fatores considerados negativos pelos brasileiros nas características dos falantes do inglês, acreditamos que esta língua, por estar em evidência, principalmente na mídia, atraia mais os brasileiros. Ocorre que, além de ser considerado *diferente*, como citamos anteriormente, o italiano passou a ser associado com *a língua da roça*, assim como todos os costumes étnicos passaram a ser relacionados com a vida campesina, que os filhos procuravam abandonar, ao freqüentar a escola ou a vida na cidade.

A preocupação em evitar a comunicação na língua italiana foi levada ao extremo da perda de relação com a própria história. Assim como as conversas na língua italiana foram sendo evitadas, todo o diálogo sobre o passado foi deixado de lado. O que é comprovado pelo fato de que muitos filhos não sabem ao certo o município de procedência dos pais, no Rio Grande do Sul e, menos ainda, dos antepassados, na Itália. Confirmamos a afirmação retornando à fala da informante I.

do VARSUL, que relata a trajetória da família: *... o pai sempre conta que os pais dele vieram da Itália, mas agora, como eles vieram eu também não sei. Para os descendentes de italianos, pressionados pelo contexto sociocultural que se criava, ... ser brasileiro era inconciliável com as raízes culturais do mundo familiar do alunado.* (Fiori, op cit:194)

Passou a ocorrer, então, uma espécie de diálogo bilíngüe. Os pais falavam no dialeto italiano e os filhos respondiam com o novo idioma, aprendido na escola. Uma situação que se tornou comum entre as famílias deste grupo étnico, como conta o informante L. (CHP04):

*(17) O falecido sogro e a falecida sogra (...) eles dois também, o mesmo costume do falecido pai e da falecida mãe. Eles falavam em italiano com os filhos e os filhos respondiam em brasileiro, entendiam e respondiam em brasileiro. E assim é mais comum.* (L433/39)

A fusão entre o dialeto trazido pelos imigrantes e passado para as gerações seguintes com um português aprendido às pressas, sob pressão e em um ambiente escolar ainda precário de recursos e métodos para a formação desse grupo peculiar, causou-lhes outros problemas. As marcas próprias do dialeto italiano foram incorporadas às regras do português, levando a uma produção lingüística que não condiz totalmente com as regras do dialeto padrão do português brasileiro. Uma fala que, não atendendo às normas do dialeto padrão, enfrenta o preconceito lingüístico, assunto que tratamos em etapa posterior, neste trabalho. Passamos agora ao Quadro Teórico que norteou a pesquisa.

#### 4. QUADRO TEÓRICO: SOCIOLINGÜÍSTICA

O desenvolvimento desta pesquisa seguiu as concepções da Sociolingüística, observando a relação entre a língua e os fatores sociais envolvidos na sua produção. Por isso, apresentamos algumas definições extraídas de trabalhos nesta área, além de discorrer sobre a Teoria da Variação e Mudança, bilingüismo e difusão dialetal.

A pesquisa sociolingüística desenvolveu-se a partir da década de 1960, tendo como um dos principais precursores William Labov. Ao contrário do que ocorre no Estruturalismo, os estudos sociolingüísticos observam a língua sem dissociá-la da estrutura social, sem abstrações da sua normal heterogeneidade. A área abrangida pela Sociolingüística vai desde os problemas que surgem na comunicação entre os indivíduos, passando pela análise dos dialetos, até a barreira lingüística proveniente, muitas vezes, de concepções ideológicas.

*Entende-se a Sociolingüística como um espaço de investigação interdisciplinar, que atua nas fronteiras entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos concretos da língua. (Mollica, 1992:12)*

Faraco (1991) apresenta a Sociolingüística como o estudo das correlações sistemáticas entre as formas lingüísticas variantes, através das quais é possível dizer a mesma coisa de diferentes maneiras, e determinados fatores sociais como a renda, nível de escolaridade, sexo e etnia dos falantes.

A Sociolingüística, ainda de acordo com Faraco, mostra que, havendo variação em uma língua, ela não se dá de forma aleatória, mas sistematicamente. (...) *atrás da heterogeneidade lingüística há organização: é possível correlacionar a ocorrência de uma ou de outra forma variante com diferentes grupos de falantes, partilhando, cada grupo, características sociais peculiares. (1991:116)*

A seguir, abordaremos a Teoria da Variação e Mudança, seguindo após para a questão do bilingüismo e da difusão dialetal, encerrando o capítulo com uma abordagem voltada à conceituação de dialeto.

## 4.1 Teoria da Variação e Mudança

Um dos ramos da Sociolingüística é o da Teoria da Variação e Mudança, cujas bases teórico-metodológicas foram propostas por Weinreich, Labov & Herzog (1968). Sob esta perspectiva, a variação é vista como inerente ao sistema, assumindo-se a noção de *heterogeneidade sistemática*, ou seja, dissocia-se estrutura e homogeneidade, considerando-se que a variação existe não só na comunidade mas também na fala de um mesmo indivíduo. Esse estudo social da linguagem entende a variação lingüística como *um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada*. (Mollica, 1992:14)

Labov ([1994]1996) aponta que, para entender as causas da variação lingüística, é necessário saber onde, dentro da estrutura social, se originou a variação e como ela se estendeu a outros grupos sociais, indicando também quais foram os grupos que mostraram mais resistência a ela. Uma mudança lingüística inicia quando um dos muitos traços característicos de uma dada variação se espalha sobre um subgrupo específico da comunidade de fala, passando a assumir uma certa significação social, simbolizando os valores sociais assumidos por esse grupo. No decorrer desse processo, novos grupos entram na comunidade de fala e podem reinterpretar a mudança lingüística em processo. No desenvolvimento de uma mudança lingüística, fatores lingüísticos e sociais estão fortemente inter-relacionados. (Weinreich, Labov & Herzog, 1968)

### 4.1.1 Abordagem teórico-metodológica

Para dar conta de um estudo sistemático da variação, os autores introduzem o conceito de *regra variável*, que substitui a noção estruturalista de variação livre, bem como a noção gerativista de regra categórica. Admite-se, então, que os fenômenos lingüísticos variáveis apresentam tendências regulares passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza lingüística e social. Consente-se também que são os dados do vernáculo, isto é, aqueles produzidos em circunstâncias comunicativas reais, que revelam a verdadeira configuração de uma dada língua, bem como seus caminhos de mudança.

A Teoria da Variação é também chamada de Sociolingüística Quantitativa e tem, no rigor de sua metodologia, uma de suas principais características. A

abordagem laboviana se vale do *envelope da variação*, que consiste na descrição detalhada das variantes de uma regra variável e de seus possíveis condicionamentos. Entende-se por variantes lingüísticas as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. (Tarallo, 1999)

Os procedimentos metodológicos numa pesquisa variacionista consistem em: identificar fenômenos variáveis de uma dada língua; inventariar suas variantes definindo as variáveis dependentes; formular hipóteses que captem as tendências sistemáticas da variação; operacionalizar essas hipóteses mediante o estabelecimento de variáveis independentes (ou grupos de fatores) de natureza lingüística e social; identificar, selecionar e codificar os dados relevantes; submeter esses dados a tratamento estatístico adequado; interpretar os resultados quantitativos à luz das hipóteses levantadas. (cf. Oliveira e Silva & Scherre (orgs.), 1996)

Para o tratamento estatístico dos dados, desenvolveu-se um método probabilístico de investigação sociolingüística com o objetivo de medir a correlação entre variantes lingüísticas e possíveis condicionamentos lingüísticos (internos) e extra-lingüísticos (externos). Tal modelo matemático trata a frequência com que as variantes são empregadas em situações concretas de comunicação e associa pesos relativos aos diversos fatores de cada variável independente, possibilitando que se avalie a influência que cada um desses fatores exerce sobre a presença de uma ou outra variante de uma determinada variável lingüística. Para implementação desse modelo matemático, foi desenvolvido um programa computacional denominado VARBRUL, de autoria de David Sankoff (1979), do qual utilizamos a versão de Pintzuk, 1988. (cf. seção sobre metodologia)

Como a Teoria da Variação Lingüística capta ocorrências da língua no contexto social, primeiramente volta seu foco de interesse para os condicionamentos externos. Entretanto, ao lado dos condicionamentos sociais, sempre se investigou a influência de fatores estruturais ou internos, que podem ser de ordem fonológica, morfológica, sintática ou outros, sendo que os de natureza fonológica prevalecem nas pesquisas desta área. (Paredes e Silva, 1992)

No caso deste estudo, como tratamos de uma regra variável fonológica, os fatores internos controlados serão de ordem fonológica e morfológica, de modo a

caracterizar os contextos lingüísticos que inibem e que favorecem a realização das variantes.

Labov ([1994] 1996) explica que os fatores internos são normalmente independentes uns dos outros, enquanto que os fatores externos são profundamente interativos. Isto ocorre porque, de acordo com Tarallo, *a cada variante correspondem certos contextos que a favorecem*. (1999:36)

Labov considera que se começa a investigação das causas de mudança lingüística buscando localizar os inovadores dentro do sistema social. Desta forma, os fatores externos assumem uma importância fundamental. Esses fatores da variação lingüística são também considerados como variáveis sociais. São, para Labov, as principais variáveis sociais independentes: sexo, idade, classe social, grupo étnico, raça e tamanho da comunidade. ([1994] 1996:33)

#### 4.1.2. O papel dos fatores externos

Estudos de variação, em geral, têm mostrado que tradicionalmente os falantes do sexo feminino tendem a se aproximar mais da norma padrão do que os falantes do sexo masculino, quando a variante que está em jogo é estigmatizada. Tal postura costuma ser explicada pela forma com que homens e mulheres vivem na sociedade, em especial pelo maior formalismo associado aos papéis femininos, como na educação dos filhos, por exemplo. Ou ainda pelo que Labov (1972) denomina de *prestígio encoberto*, no caso em que os homens estão mais sujeitos a fazer uso de formas lingüísticas que são socialmente desvalorizadas, desde que garantam sua identidade em um determinado grupo social. Já quando o traço de maior ou menor prestígio não está claramente associado a nenhuma das variantes, a diferença de comportamento lingüístico entre mulheres e homens parece diminuir. (Paiva, 1992; Vazzata-Dias, 2000)

Diante disso, é importante acrescentar a constatação de Labov ([1994] 1996:132): (...) *las mujeres se muestran mas adelantadas que los hombres. Pero está también bastante claro que la velocidad de cambio, tal como la miden los coeficientes de edad, es mayor para los hombres que para las mujeres.*<sup>16</sup>

<sup>16</sup> (...) as mulheres se mostram mais adiantadas que os homens. Porém é também bastante claro que a velocidade da mudança, tal como a medem os coeficientes de idade, é maior para os homens que para as mulheres.

A variável escolaridade assume importância no estudo sociolinguístico, na medida em que, de acordo com Votre (1992), a forma de prestígio tende a ser validada na literatura local ou nacional e está codificada nas gramáticas escolares, que a transformam em norma a ser ensinada e aprendida.

*\*A forma estigmatizada tende a despertar uma reação negativa na maioria dos usuários da língua, é objeto de crítica aberta por parte dos usuários das formas prestigiadas e é registrada como problemática nas gramáticas escolares. (Votre, 1992:74)*

Tarallo (1999) acrescenta que, *em uma sociedade tão estratificada como a nossa, fatal será que o nível socioeconômico e de escolaridade do indivíduo tenha direta relevância sobre seu desempenho linguístico. (p. 47)*

A idade é um dos principais fatores que caracterizam o fenômeno linguístico como sendo de variação estável ou de mudança em progresso. No primeiro caso, não há diferença significativa no comportamento dos indivíduos de diferentes faixas etárias; no segundo caso, a distribuição inclinada dos resultados relativos a diferentes idades pode indicar uma mudança em andamento, com a forma inovadora predominando entre os mais jovens e a conservadora entre os mais velhos.

A amostragem da comunidade em grupos etários diferentes é uma alternativa de análise, caso não exista a possibilidade de um estudo longitudinal, com o acompanhamento do falante desde a adolescência até a idade adulta.

Naro (1992) caracteriza a suscetibilidade à variação, diante do fator idade, apontando que a pessoa está mais inclinada a novos contatos e variações na fala no período da adolescência e do ingresso no mercado de trabalho, quando o círculo social se alarga. Na aposentadoria as pressões da sociedade e do mercado deixam de agir também sobre a fala. (p.84)

A investigação da interferência do fator idade na variação linguística mais comum é através do controle em tempo aparente, observando o comportamento linguístico de falantes de faixas etárias diferentes. Já a investigação da variação em tempo real pode ser feita através de consulta bibliográfica ou do regresso à comunidade depois de um determinado período para repetir o mesmo estudo.

No presente trabalho, serão controladas as variáveis sociais sexo, idade, escolaridade e bilingüismo. Todos os informantes que fazem parte da comunidade têm um traço étnico em comum: a descendência italiana. O controle do fator bilingüismo servirá para averiguar se a comunicação em italiano interfere na fala em

português.

Os demais fatores sociais a serem controlados seguem os objetivos propostos para o controle social em todas as pesquisas sociolingüísticas, que são a averiguação da interferência dessas diferenças de gênero, faixa etária e escolarização diante das manifestações lingüísticas de uma comunidade.

#### 4.2 Bilingüismo e difusão dialetal

Vários estudos têm se voltado para as questões que envolvem o bilingüismo e a difusão dialetal no português brasileiro, sendo que dentre eles destacam-se os de Bortoni (1989), Nawa (1989), Tarallo(1987,1989) e Monaretto (1997). São estudos que observam a interferência entre línguas em contato devido a vários fatores, como a migração.

No caso da comunidade chapecoense, o bilingüismo e a interferência lingüística são conseqüência da migração italiana para o Brasil. Nas novas terras, os imigrantes mantiveram as línguas dos países de origem, cultivadas nas colônias.

O período de preservação da língua da pátria-mãe dependeu de uma série de fatores, como a integração dos grupos e as interferências externas. Pressões sociais também contribuíram para a mudança de código, fazendo com que os usuários de uma língua estrangeira fossem obrigados a utilizar o português como a língua principal.

Nawa (1989), fez um estudo dos nipo-brasileiros residentes em Brasília e considera que a análise da mudança de código é importante por enfatizar o controle sócio-simbólico existente no uso de duas línguas, uma sobrepondo-se a outra. O autor destaca que:

*Se consideramos o contexto mais amplo da mudança lingüística (language shift) observamos que, através destas micro-situações, podemos inferir e reconstituir todo um processo histórico-social que deve estar ocorrendo neste determinado momento. (1989: 200)*

Além da questão do bilingüismo, a difusão dialetal também é forte no país, principalmente com a grande migração do Norte para a região Centro Oeste. Outro fator relevante foi a inversão ocorrida nas últimas décadas com relação à população que vivia no campo, que chegou a representar mais de 90% da população em 1890

e que passou a pouco mais de 30% em 1980. (Bortoni, 1989)

Josepha Adant (1989), em um estudo dos migrantes alagoanos que vivem em Brasília, inclui a comparação entre as falas dos alagoanos que permanecem na terra natal, com os que migraram para a capital do país. Tal estudo teve como objetivo fazer uma comparação entre a gramática interiorizada dos falantes submetidos à difusão dialetal e os falantes que se conservam em ambiente de dialeto focalizado. Os migrantes que se mantêm em redes sociais densas e homogêneas sofrem, segundo a pesquisa, menos alterações do que os falantes que têm as mesmas características sócio-demográficas, mas que convivem em redes de comunicação esparsas.

Com relação às redes sociais (troca existente entre indivíduos que têm história em comum e experiências comunicativas semelhantes), Gumperz (1997) associa a preservação de línguas minoritárias às redes que se estabelecem entre os membros de uma comunidade, onde experiências comuns existem. Segundo Gumperz, muitas informações que em outras circunstâncias teriam que ser tornadas lexicalmente explícitas são de uso comum. O autor reforça sua opinião citando Sapir, para quem quanto menor o círculo e mais complexas as compreensões já alcançadas, mais econômico pode se tornar o ato de comunicação.

Gumperz aponta que, entre os grupos que convivem em redes fechadas, há resistência com relação às pessoas consideradas “estranhas” a ele. Essas pessoas, segundo o autor, são desencorajadas de aprender ou empregar as estratégias que se tomam para fazer parte do grupo. Isso porque o conhecimento relevante é adquirido no curso dos processos de socialização, baseado nos contatos de pares (indivíduos com as mesmas características sociais). O autor afirma que grupos étnicos diferentes, convivendo em uma mesma comunidade, evitam a aproximação intensa com pessoas que não fazem parte do seu grupo.

Gumperz pergunta, então, como as unidades de população descritas estão unidas em uma sociedade como um todo. A resposta do autor está amparada em Bourdieu (1982), para quem as características em comum que unem um grupo de falantes respondem pela realidade da vida social e política deste mesmo grupo.

A aproximação com outros dialetos, que não os característicos de uma comunidade, também é influenciada por questões de prestígio social. Bortoni baseia-se na hipótese do conflito entre orientação para o prestígio e orientação para

a identidade<sup>17</sup>, de Labov (1996), para explicar as características das redes densas. Nos grupos de nível socioeconômico mais baixo prevalece a orientação para a identidade. Há entre o grupo uma forte tendência à preservação do vernáculo, da variedade usada no lar e com os amigos.

*Já os indivíduos que conseguem engajar-se no processo de mobilidade social, por outro lado, contraem redes mais esparsas e são, conseqüentemente, mais abertos à influência de pressões padronizadoras da cultura dominante, inclusive da língua padrão. (1989:171)*

Bortoni aponta ser a continuidade rural-urbana dependente da manutenção de traços pré-migratórios e de parentesco. Quando a migração garante a continuidade dessa aproximação, o grupo familiar continua como referência. Em caso contrário, o migrante passa a viver inteiramente na cidade, incorporando traços lingüísticos desta.

Na mudança de variedades, Tarallo (1999) aponta que o favorecimento de uma variante, em desprestígio de outra, é conseqüência de circunstâncias lingüísticas (fatores internos) e não lingüísticas (fatores externos) como faixa etária, idade e classe social.

A questão do bilingüismo e da difusão dialetal é de grande importância, já que nos propomos, neste trabalho, a discutir a questão da interferência de uma língua sobre outra, levando à formação de características diferentes daquelas do padrão fonológico do português brasileiro, próprias na fala dos descendentes de italianos.

#### 4.2.1 Os dialetos

Acredita-se na possibilidade de sustentar a hipótese de formação de um dialeto dos descendentes de italianos, utilizado pela comunidade residente em Chapecó. A vida cultural e comunitária fechada que o grupo em estudo levou, durante tantos anos, oportunizou o surgimento de características comuns na fala do grupo, provocadas pela interferência dos dialetos italianos, e que são diferentes das regras do dialeto-padrão do português brasileiro. A dificuldade no emprego do fonema

---

<sup>17</sup> Orientação para o prestígio caracteriza-se pela situação de influência de pressões externas em que se encontra o indivíduo. Já a orientação para a identidade é um traço que envolve aqueles que tendem à preservação do seu dialeto. (Bortoni, 1989)

vibrante evidencia essas características próprias. A leitura de diferentes autores, sobre a conceituação de dialeto, também contribui para aprofundarmos a discussão.

O estudo dos dialetos iniciou no fim do século XIX, pelo interesse dos eruditos na manifestação da cultura de determinadas comunidades. Também teve grande importância no surgimento desses estudos a preocupação dos lingüistas em descrever as diferentes variedades lingüísticas regionais. (Faraco, 1991)

A estes estudos, que se propõem a observar a língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico, denomina-se Dialectologia. Faraco explica a importância dos fatores geográficos nos estudos dialetológicos:

*A distribuição dum comunidade numa certa área geográfica é fator de diferenciação lingüística: cada ponto dessa área tem experiências sociais, históricas, culturais diferenciadas e isso tem repercussões na sua linguagem. (1989:112)*

O pioneiro no estudo dos dialetos foi o lingüista alemão Georg Wenker (1852-1911) que investigou a história das consoantes germânicas, dividindo o *baixo alemão* das variedades do Norte, do *alto alemão* das variedades do Sul. O lingüista suíço Jules Gilliéron (1845-1926) também aprofundou-se no estudo dos dialetos, realizando uma análise dialetológica em 639 localidades francesas, da qual resultou o Atlas Lingüístico da França, referência para vários atlas posteriores elaborados na Europa e América. (Faraco, 1989)

Gilliéron observou que os dialetos não eram uniformes e propôs aos lingüistas o estudo da história de cada palavra isoladamente. Faraco rebate, afirmando que a falta de unidade e uniformidade total é característica das diferentes variedades de qualquer língua, decorrente do fato de que os falantes mantêm permanentes relações de troca.

*Assim, não se trata de abandonar o conceito de dialeto, mas de estudar as variedades justamente no contexto social, histórico, político, cultural das comunidades, procurando detectar as diferentes linhas de contato e influência que se entrecruzam em cada ponto do espaço. (Faraco, 1989:114)*

Langacker (1972) também apresenta uma detalhada discussão sobre o conceito de dialeto. Em princípio, afirma o autor, se poderia definir dialeto de tal modo que duas pessoas falarão dialetos diferentes sempre que os sistemas lingüísticos

empregados por elas tiverem pelo menos um traço distintivo, podendo ele ser fonológico, lexical ou sintático. Adiante, o autor complementa que muitas vezes é útil poder-se falar de dialetos em um sentido mais amplo, que não restrinja o termo ao sistema lingüístico de uma só pessoa.

Diante dessa necessidade de ampliar o conceito de dialeto, Langacker utiliza o termo *idioleto* para definir as características de fala de uma só pessoa, e *dialeto* englobando os traços lingüísticos de uma determinada comunidade. Langacker explica a situação da seguinte forma:

*A base que permite a distinção entre vários dialetos de uma mesma língua consiste no fato de que o sistema lingüístico usado pelos falantes de um dialeto difere sob certos aspectos daquele usado pelos falantes de outros dialetos. (1972:55)*

Para definir o surgimento de um novo dialeto em uma determinada área geográfica, Langacker afirma que se pode considerar os falantes de uma comunidade B<sub>1</sub> como área dialetal da língua B, a partir da constatação de que os falantes de B<sub>1</sub> partilham de traços lingüísticos não característicos de outros dialetos de B.

*Os falantes de B<sub>1</sub> têm várias diferenças individuais, mas constituem um grupo coeso, pelo menos no sentido de que têm muitos traços lingüísticos em comum, os quais os distinguem de outros falantes da mesma língua. (1972:58)*

Dubois ([1973]1993) também apresenta como conceituação de dialeto a manutenção de características comuns em um sistema lingüístico, mesmo não apresentando todos os traços do chamado padrão:

*Dialeto é um sistema de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usado num ambiente mais restrito que a própria língua. (...) é um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o status cultural e social dessa língua. ([1973] 1993: 184)*

No Dicionário de Lingüística, Dubois acrescenta que o dialeto social é um sistema de signos e de regras usado em um dado grupo social ou em referência a

este. Ainda de acordo com esse autor, o emprego de um determinado dialeto *revela a origem ou a referência de seu usuário*. (Ibidem: 185)

Com relação a questão social que envolve o emprego de um determinado dialeto, Langacker afirma que a diversidade lingüística tem, além da questão geográfica, outras duas dimensões que precisam ser consideradas. A primeira delas é a dos grupos e classes sociais. (...) *os membros da alta sociedade e os trabalhadores de classes econômicas inferiores, em geral, se distinguem de maneira bastante nítida quanto à sua fala*. (1972:59)

Desta forma, fica claro que são questões externas à língua que fazem com que um dialeto seja elevado à condição de padrão, em detrimento das demais variedades da mesma língua:

As maneiras de falar das pessoas proeminentes e admiradas é, freqüentemente, adotada como padrão ou modelo, embora não haja razão para crer-se ter qualquer dialeto de uma língua maiores méritos intrínsecos do que outros. (1972:62)

Langacker explica, citando como exemplo o dialeto parisiense, que se tornou altamente considerado na França por razões de ordem externa (em função da posição ocupada por Paris na situação econômica, social e política do país). Mesmo que estejam evidentes as razões que elevaram o dialeto parisiense à condição de superioridade em relação aos demais, Langacker aponta o fato de que ninguém chega a uma posição proeminente na França sem dominar o dialeto de Paris.

Além das questões econômicas e sociais envolvidas na elevação de um dialeto à condição de padrão, fatores como a escola e os meios de comunicação se combinam favorecendo um dialeto na sua tendência de se tornar mais forte. A partir dessa condição, segundo Langacker, o dialeto que tem o maior prestígio é freqüentemente considerado *o mais correto, mais adequado e mais puro do que os dialetos de menor prestígio*. (p.63)

Embora fique claro que exista uma convenção social de superioridade do dialeto considerado padrão em uma sociedade, em relação aos demais, Faraco sustenta que os diversos estudos realizados sobre a variação dialetal conseguiram mexer com o conceito de que apenas o dialeto padrão era o *correto* frente a dialetos que *deturpam* as normas da língua: *Quebrou-se a idéia de que a variedade-padrão era intrinsecamente melhor e mais antiga que os outros dialetos e que estes não*

*passavam de corrupção da 'boa linguagem'*. (1991:114) Faraco conclui que os estudos dialetológicos conseguiram provar que a variedade-padrão é um dialeto como os outros, com estatuto especial atribuído por causas externas ao sistema lingüístico.

Esta seção contribuiu para aprofundar duas questões importantes na realização desta pesquisa. A primeira é a possibilidade de sustentação da existência de um dialeto característico da comunidade de descendentes de italianos residentes em Chapecó, consideradas suas características fonológicas próprias. Outra questão considerada de extrema relevância é a discussão do preconceito que envolve os dialetos não-padrão e as exigências sociais mais fortes que envolvem os falantes das demais variedades de uma língua. Retomaremos assunto em uma etapa posterior.

## 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As decisões metodológicas adotadas para o desenvolvimento desta pesquisa, e que serão apresentadas a seguir, foram tomadas para permitir a análise dos fatores considerados realmente relevantes para as propostas do trabalho. Iniciamos pela apresentações do *corpus*.

### 5.1 Caracterização do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é formado pelos 24 informantes que compõem o banco de dados do Projeto VARSUL em Chapecó. A faixa etária dos informantes - homens e mulheres - varia de 25 a 70 anos (aproximadamente). A escolaridade é primária, ginásial e colegial. A diversificação do *corpus*, contendo informantes de idade, sexo e escolaridade diferentes, é de fundamental importância para a identificação dos fatores externos que podem interferir na produção linguística da população local.

Todos os informantes têm como traço em comum a ascendência italiana. Entretanto, ainda relacionada a essa questão, foi feita a distinção entre os que se dizem bilíngües (falantes do português e do italiano), e os que se dizem monolíngües (falantes apenas de português). São, no total, 17 informantes que se identificam como bilíngües e sete como monolíngües. Estes dados foram encontrados nas fichas de identificação dos falantes do Banco de Dados VARSUL, e servem para medir até que ponto o fato de ter mais proximidade com os dialetos italianos deixa o falante mais suscetível à interferência das regras fonológicas deste dialeto na fala em português. Fez-se a distinção, embora saiba-se, empiricamente, que muitos dos informantes que dizem falar as duas línguas dominam apenas alguns itens lexicais do italiano. Por outro lado, também se constata, empiricamente, entre a comunidade em estudo, que aqueles que se dizem monolíngües têm uma proximidade com o dialeto italiano utilizado por familiares, normalmente de mais idade.

Além de acrescentar a distinção entre bilíngües e monolíngües, entre os indivíduos que compõem o banco de dados VARSUL/Chapecó, fizemos, através da observação das fichas sociais dos informantes, uma subdivisão no fator faixa

etária<sup>18</sup>, passando de dois para três grupos etários: de 25 a 39 anos (formado por três homens e três mulheres), de 40 a 55 anos (formado por quatro homens e seis mulheres) e acima de 55 anos (formado por cinco homens e três mulheres). Observe-se a estratificação social dos informantes no quadro abaixo:

**Quadro 2: Distribuição dos informantes de acordo com as características sociais**

Idade	Primário		Ginasial		Colegial	
	F	M	F	M	F	M
25 - 39 anos	0	0	2	2	1	1
40 -54 anos	3	3	2	0	1	1
+ de 55 anos	1	1	0	2	2	2

Com a distribuição acima, perdeu-se a homogeneidade interna entre as diversas células, mas ganhou-se no controle mais refinado da faixa etária, que é um grupo de fatores que consideramos bastante relevante em nossa análise. De qualquer forma, em termos gerais, temos 12 homens e 12 mulheres e 8 informantes em cada grau de escolaridade.

## 5.2 Delimitação da amostra

As decisões metodológicas adotadas para a realização deste trabalho levaram em consideração os contextos lingüísticos de realização do fonema vibrante que mais caracterizam a fala local. Esses contextos característicos de variação são os de início de palavra e posição intervocálica, nos quais evidencia-se maior dificuldade dos falantes no emprego do fonema vibrante de acordo com o dialeto padrão do português brasileiro. Já em contextos como os de encontro consonantal, por exemplo, onde o aparecimento do fonema é muito recorrente, não se observou variação significativa para justificar a relevância da inclusão deste contexto na análise.

Para comprovar o que afirmamos acima, levantamos as produções do fonema na fala do primeiro informante do banco VARSUL, o informante I. (CHP01). Das mil primeiras ocorrências do fonema, 357 apareceram em contextos de encontros

<sup>18</sup> O controle da idade no Banco VARSUL é de duas faixas: de 25 a 49 anos e acima de 50 anos.

consonantais, sempre com o uso do tepe, e 217 em posição de coda silábica. Nesta posição, as normas fonológicas do português brasileiro padrão indicam a possibilidade de variação. Confira a tabela com as realizações:

**Quadro 3:** Distribuição das mil primeiras realizações do fonema /r/ pelo informante CHP01

Início de palavras	57
Coda silábica	217
Posição intervocálica (contexto de vibrante múltipla)	42
Posição intervocálica (contexto de vibrante simples)	327
Encontros consonantais	357
<b>TOTAL</b>	<b>1.000</b>

O quadro mostra que os encontros consonantais reúnem a maior incidência de emprego do fonema vibrante, entre as mil primeiras realizações na fala do informante. Em segundo lugar no número de ocorrências está a posição intervocálica em contexto de vibrante simples, seguida pela coda silábica, contexto no qual foram identificadas 217 realizações do fonema. Excluídos da análise os casos de encontro consonantal e de coda silábica, restam duas posições: início de palavra e posição intervocálica (contexto de vibrante múltipla e de tepe), a serem observadas. Mesmo com tal exclusão, o número de dados de cada informante seria bastante alto se computássemos todas as ocorrências produzidas durante cerca de uma hora de gravação. Assim, optamos por codificar, para cada informante, aproximadamente as primeiras 50 ocorrências das variantes do fonema vibrante em início de palavras (como em *rato*); as 50 primeiras ocorrências em posição intervocálica, em contexto de vibrante simples (como em *cara*) e as primeiras 50 ocorrências em contexto de vibrante múltipla (como em *bairro*). A partir da sexta repetição de uma mesma palavra, as ocorrências da referida palavra deixaram de ser computadas, para que pudessem ser controlados outros itens lexicais. Dessa forma, tem-se uma distribuição mais homogênea das ocorrências por informante.

No total, foram levantados 3.217 dados, sendo 1.949 em contextos de vibrante múltipla, por serem consideradas duas posições na palavra, a de início e

intervocálica de vibrante múltipla e 1.268 em contextos de tepe, apenas em posição intervocálica.<sup>19</sup>

### 5.3 Variáveis controladas

Dentre as características da fala da população local, será observada mais atentamente a questão da troca no uso do fonema vibrante entre a múltipla e o tepe, em diferentes contextos lingüísticos, tomada como variável dependente. Quanto aos fatores internos, que interferem na utilização de uma ou outra variante, será observada a interferência do contexto lingüístico na troca da vibrante múltipla pela simples e vice-versa em:

- a) posição na palavra: início de palavra, posição intervocálica em contextos de vibrante múltipla e posição intervocálica em contextos de tepe;
- b) contexto precedente: vazio (depois de vírgula, ponto ou pausa), glide (semivogal), vogal anterior oral (a, e, o), vogal anterior nasal (a, e, o), vogal posterior oral (u, i), vogal posterior nasal (u, i) ou consoante (considerando a palavra fonológica e não lexical, como em [azRuaz]);
- c) contexto seguinte: vogal anterior oral, vogal anterior nasal, vogal posterior nasal e glide;
- d) tonicidade da sílaba: pretônica, tônica e postônica;
- e) número de sílabas: dissílaba, trissílaba e polissílaba;
- f) classe morfológica: verbo, não verbo (adjetivos, substantivos, numerais) ou palavra funcional (conjunções, preposições, pronomes, advérbios).

---

<sup>19</sup> Observa-se que a proporção inicialmente prevista para a distribuição dos dados por contexto controlado (2.400 + 1.200 = 3.600) não foi atingida, dadas as características de frequência observadas no quadro 2: alguns informantes não chegaram a produzir 50 ocorrências em contexto inicial ou intervocálico de vibrante múltipla. Por outro lado, o levantamento de dados em contexto de tepe ultrapassou levemente a casa das 50 ocorrências por informante. De qualquer forma, para os efeitos desta pesquisa, consideramos que há uma distribuição equilibrada de contextos.

Temos, então, seis variáveis de natureza lingüística controladas como grupos de fatores possivelmente condicionantes do uso do fonema vibrante em Chapecó.

As variáveis sociais controladas são as já especificadas na subseção de caracterização do *corpus*: idade, sexo, escolaridade e bilingüismo.

Os dados codificados a partir dos grupos de fatores lingüísticos e sociais são submetidos a tratamento estatístico pelo pacote VARBRUL (Pintzuk, 1988), o qual calcula freqüências, percentuais e pesos relativos de cada variável independente em termos de sua contribuição para a aplicação da regra no fenômeno em estudo. Além disso, fornece uma seleção estatística dos diferentes grupos de fatores testados, por ordem de significância. Como o programa opera em diversos níveis de análise, permite verificar com precisão possíveis interferências entre variáveis, ocasionada por codificação superposta ou por enviesamentos. (Oliveira e Silva & Scherre (orgs.), 1996)

Como controle metodológico adicional, para possibilitar uma discussão mais criteriosa quanto à existência de uma variante intermediária entre o tepe e a vibrante múltipla, realizamos um teste com um grupo de pessoas da comunidade. Esse grupo foi convidado a ouvir fragmentos das entrevistas do *corpus* que contêm as três realizações do fonema. Esse procedimento será melhor detalhado no capítulo seguinte.

Para a discussão sobre o preconceito existente quanto às características lingüísticas da comunidade de descendentes de italianos, utilizamos recortes da discussão apresentada pela imprensa local durante a campanha eleitoral de 2000, quando características lingüísticas de candidatos a cargos eletivos foram alvo de críticas da mídia chapecoense.

## 6. ANÁLISE DA VARIAÇÃO NO USO DO FONEMA VIBRANTE

Neste capítulo, faremos a análise das realizações do fonema vibrante considerando os fatores sociais e lingüísticos já apresentados. Iniciamos com a distribuição das variantes, e apresentando as realizações em contextos de vibrante múltipla e de tepe. Em seguida, analisaremos, em duas seções, os fatores condicionantes das realizações do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla e de tepe. Em cada uma dessas seções, será lançado olhar sobre fatores sociais e lingüísticos condicionantes.

Trataremos também, neste capítulo, da variação na comunidade e no indivíduo, discorrendo sobre a hipótese inicial que aventava sobre essa dupla possibilidade de variação.

### 6.1 Distribuição das variantes

Para análise quantitativa dos dados das produções do fonema vibrante entre os informantes da comunidade em estudo, foram considerados os contextos de início de palavra e posição intervocálica (de vibrante múltipla e de tepe). A compilação destes dados, conforme já dito, nos levou a um total de 3.217 ocorrências, assim distribuídas, de acordo com sua forma de realização:

**Quadro 4:** Distribuição das realizações do fonema vibrante em início de palavra e posição intervocálica

Vibrante múltipla		Intermediária		Tepe		Total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
436	14	693	21	2.088	65	3.217	100

O quadro mostra que a maior parte das produções de vibrante pelos informantes ocorre como tepe. Das 3.217 ocorrências, 2.088 são de tepe, o que representa 65% do total de dados analisados. Observe-se que apenas cerca de um terço deles correspondem a contexto de tepe, segundo o dialeto padrão.

No entanto, os resultados estatísticos mostram um comportamento proporcionalmente inverso, revelando ser essa a variante predominante entre o grupo, comprovando a hipótese inicial de que a interferência dos dialetos italianos levaria a uma incidência maior da realização do tepe. E, se por um lado os registros de tepe alcançaram altos percentuais, os de vibrante múltipla foram baixos: apenas 436 ocorrências, representando 14% do total de realizações do fonema pelos informantes.

Uma questão que chama a atenção é o número de ocorrências do que denominamos de 'intermediária'. Esta variante obteve um percentual estatístico de 21% das realizações, acima da vibrante múltipla.

A diferença fonética entre a 'intermediária', tepe e vibrante múltipla, mencionada anteriormente neste trabalho, foi comprovada através da realização de testes qualitativos, com um grupo de dez pessoas. Elas foram expostas a três entrevistas retiradas do *corpus* da pesquisa. Os fragmentos das entrevistas foram selecionados por conterem realizações de tepe (mais no informante 3), vibrante múltipla (mais no informante 24) e 'intermediária' (mais no informante 2), em contextos de vibrante múltipla e de tepe.

Para a realização do teste, explicamos ao grupo que estariam sendo apresentados três fragmentos de entrevistas com informantes de Chapecó. Pedimos que ficassem atentos às realizações do "r" nestes trechos das gravações. A primeira entrevista a ser apresentada foi a do informante 3. Houve consenso entre o grupo de que ele empregava o tepe em todos os contextos da vibrante, inclusive nos de vibrante múltipla.

Na audição da segunda entrevista (informante 24), houve mais resistência do grupo em emitir um parecer sobre a produção da vibrante. Ao final, embora alguns afirmassem não saber ao certo se a produção havia sido de tepe ou de vibrante múltipla, a maioria considerou que o falante produzia a vibrante múltipla nos contextos esperados.

Foi na terceira entrevista (informante 2) que o grupo mais enfrentou dificuldades em identificar a variante empregada. Depois de ouvir a gravação várias vezes, começaram as considerações. *Não é nem 'rr', nem 'r'*, disse um dos integrantes do grupo. *Não é nem uma coisa nem outra, é algo intermediário*, acrescentou outro. A audição da fita gerou discussão sobre a questão dos traços

lingüísticos da comunidade italiana. Uma das pessoas afirmou também produzir uma variante que não é tepe e nem é vibrante múltipla, segundo ela, porque busca a realização da vibrante múltipla, traço que não aprendeu com os pais, descendentes de italianos.

Foi a alta incidência de realizações da 'intermediária' na fala dos informantes do *corpus* que nos levou à separação entre as três variantes. Seu registro, também confirmado pela fala da entrevistada, citada acima, contribui para sustentar uma possível caracterização de um dialeto próprio da comunidade em estudo, já que o registro da 'intermediária' evidencia uma tentativa de aproximação com o padrão fonológico do português brasileiro.

## **6.2 Realização da vibrante em contextos de vibrante múltipla e de tepe**

A análise dos dados pretende responder às questões levantadas no início deste trabalho, averiguando a comprovação ou não das hipóteses formuladas. Tínhamos como uma das questões de pesquisa a preocupação em saber como os falantes descendentes de italianos realizam o fonema vibrante em contextos tidos como de vibrante múltipla e em contextos esperados de tepe, conforme o português padrão. Nossa hipótese para esta questão era de que os descendentes de italianos de Chapecó não aplicam adequadamente a regra de distinção fonológica entre a vibrante múltipla e o tepe existente no português brasileiro, empregando variavelmente uma e outra variante em contextos que seriam específicos de cada uma. Por outro lado, previa-se que a utilização do tepe em contextos padrões da vibrante múltipla seria maior do que a utilização da vibrante múltipla em contextos de tepe.

Passamos agora à tabela que mostra as produções dos informantes nos contextos em que o esperado era uma vibrante múltipla e um tepe (cf. o português padrão), considerando as três possibilidades de realização já discutidas. Dos 3.217 dados coletados, 1.949 estão localizados em contextos de vibrante múltipla e 1.268 em contextos de tepe, conforme se observa na tabela 1.

**Tabela 1:** Distribuição das realizações do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla e de tepe

Realizações	Contexto de vibrante múltipla		Contexto de tepe	
	Freq.	%	Freq.	%
Vibrante múltipla	375	19	61	4,5
Intermediária	686	35	7	0,5
Tepe	888	46	1.200	95
<b>Total</b>	<b>1.949</b>	<b>100</b>	<b>1.268</b>	<b>100</b>

Como se observa na tabela, a previsão a respeito da variação em ambos os contextos se confirmou. Os números validam a hipótese levantada de que a utilização do tepe em contextos padrão da vibrante múltipla seria maior (46%) do que o emprego da vibrante múltipla em contextos de tepe (4,5%). Neste último tipo de contexto, 95% das realizações ocorreram de acordo com o esperado pelas normas do português padrão. Essas realizações são justificadas, inicialmente, pelo pouco contato que os falantes da comunidade em estudo têm com a vibrante múltipla, devido à interferência dos dialetos italianos.

Observando-se detalhadamente as realizações das variantes, constata-se que os contextos de vibrante múltipla foram os que apresentaram a maior variação, sendo que 46% das ocorrências foram de tepe, 35% de 'intermediária' e apenas 19% foram da vibrante múltipla em contextos esperados. Em contrapartida, os contextos de tepe são os menos sujeitos a variação, com concentração de tepe (95%), e pouco uso de vibrante múltipla (4,5%) e de 'intermediária' (0,5%).

As 'intermediárias', apesar dos registros nos dois contextos, aparecem com mais frequência em posição intervocálica em contextos de vibrante múltipla, como nos exemplos que seguem, nas palavras que estão em destaque:

(17) ... *nasci e me criei aqui no **bairro***. (CHP10L0012)

(18) ... *era **terrível**, tinha que pisar no **barro***. (CHP10L0070)

A baixa frequência da 'intermediária' em contextos de tepe parece evidenciar que esta produção surgiu como uma articulação que tenta se aproximar da vibrante múltipla, por isso seu registro mais elevado nesses ambientes. Essas realizações ocorreram nas seguintes palavras: *arame* (três realizações), *chorando* (duas realizações) e *serraru* (três realizações). Com relação à terceira palavra na qual houve o registro de 'intermediária', o contexto lingüístico também pode ter provocado tal articulação, já que o mesmo informante produz a intermediária na palavra, tanto no contexto de tepe quanto no contexto de vibrante múltipla.

A quase totalidade das realizações de tepe em contextos apropriados, em um grupo de informantes que apresenta diferenças em relação ao sistema fonológico padrão do português brasileiro, pode ser explicada pelo fato de não haver consoantes geminadas no sistema fonológico dos dialetos vênéticos, trazidos pelos imigrantes italianos que deram origem à comunidade em estudo. (cf. Frosi & Mioranza, op cit)

### **6.3 Análise dos contextos de vibrante múltipla**

Optamos por iniciar descrevendo a variação nos contextos de vibrante múltipla por ser este o que registrou a maior variação entre o grupo. As tabelas que fazem parte desta seção apresentam os grupos de fatores que foram apontados pelo programa VARBRUL como os mais significativos estatisticamente para as realizações de vibrante múltipla, 'intermediária' e tepe, em contextos de vibrante múltipla.

Aventávamos nas hipóteses que os fatores sociais seriam mais significativos do que os lingüísticos para a realização variável da vibrante pelos descendentes de italianos. A hipótese se confirma, já que os fatores sociais (escolaridade, idade, bilingüismo e sexo) foram selecionados pelo programa como os mais relevantes para as realizações lingüísticas dos informantes. Portanto, iniciamos o detalhamento da análise por estes grupos de fatores.

### **6.3.1 Fatores sociais condicionantes das realizações do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla**

Os resultados concernentes às variáveis sociais são apresentados atentando-se para a ordem de significância estatística das mesmas, conforme a seleção efetuada pelo programa VARBRUL: escolaridade, idade, bilingüismo e sexo.

As tabelas mostram os resultados para as três variantes e foram organizadas a partir de três rodadas estatísticas separadas, sendo que em cada uma delas se tomou como aplicação da regra uma das três variantes estudadas. Na parte inferior de cada tabela aparece registrada a ordem de seleção estatística da variável independente em foco para cada uma das rodadas, ou seja, para a realização de cada uma das variantes em análise. Adicionalmente, apresentamos na primeira tabela os valores do *input* e da significância das rodadas que forneceram os resultados para todas as tabelas.

#### **6.3.1.1 Escolaridade**

Dentre os grupos de fatores sociais, a escolaridade mostrou-se como o mais significativo tanto para a escolha do tepe e da vibrante 'intermediária' (primeiro grupo selecionado para o uso destas variantes) como da vibrante múltipla (terceiro grupo selecionado para esta realização). Vejam-se os resultados na tabela abaixo.

**Tabela 2:** Influência da escolaridade sobre as realizações do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla

Vibrante múltipla	'intermediária'			Tepe					
	Freq. Aplic./total	%	PR	Freq. Aplic./total	%	PR	Freq. Aplic./total	%	PR
Primário	68/628	11	0,25	132/628	19	0,21	438/628	70	0,90
Ginasial	157/735	21	0,54	265/735	36	0,55	313/735	43	0,40
Colegial	150/586	26	0,73	299/586	51	0,76	137/586	23	0,14
Total	375/1.949	19		686/1.949	35		888/1.949	46	
<i>input</i> .14	significância .002			<i>Input</i> .32	signif .012		<i>Input</i> .44	signif .017	
	3º selecionado			1º selecionado			1º selecionado		

Os números da tabela mostram que há uma distribuição relativamente homogênea dos dados por nível de escolarização, sendo que dentre os informantes de nível primário foram coletados 628 dados; entre os informantes do nível ginasial, 735 dados; e entre os informantes de nível colegial, 586 dados.<sup>20</sup>

Com relação às variantes do fonema vibrante, os informantes com grau de escolarização primário tendem, de modo bastante acentuado, a realizar mais tepe, sendo que o peso relativo entre o grupo para esta produção é de 0,90. Também são as pessoas com o menor grau de escolarização as que menos favorecem o emprego da vibrante múltipla em contextos esperados no dialeto padrão do português brasileiro: o peso relativo para o emprego da vibrante múltipla entre este grupo é de 0,25.

Já os informantes de nível colegial inibem fortemente a produção do tepe (0,14), inclinando-se à realização da vibrante múltipla (0,73) e intermediária (0,76).

<sup>20</sup> A variação de dados entre cada um dos grupos de indivíduos é consequência da decisão metodológica de selecionar para análise as 50 primeiras ocorrências de cada informante em cada um dos contextos lingüísticos, o que levou a diferenças numéricas, já que há oscilação no número de realização entre os informantes.

Os indivíduos com nível de escolarização ginásial mostram-se mais sensíveis à variação, pois o peso relativo situa-se mais próximo do ponto neutro de 0,50, sendo 0,54 para o emprego de vibrante múltipla, 0,55 para a intermediária e 0,40 para o tepe.<sup>21</sup> As produções de dois informantes, em especial, podem ter interferido nas realizações de tepe, já que ambos (informantes 11 e 12) empregam o tepe em contexto de múltipla com uma frequência de mais de 85%.

Verifica-se, numa leitura vertical da tabela, que há um comportamento crescente do primário para o colegial em termos de tendência do uso da vibrante múltipla e da 'intermediária' (ou seja, das realizações não-tepe), já para o uso do tepe o comportamento dos informantes se inverte. Quanto menos escolarização, mais há registros dessa variante em contextos de vibrante múltipla; quanto mais escolarizados, mais os indivíduos empregam a vibrante múltipla e a intermediária nesses contextos.

Esses dados apontam para a forte interferência da variável escolaridade na fala da comunidade em estudo. Os informantes que tiveram mais oportunidade à escolarização buscam aproximar-se do considerado padrão fonológico do português brasileiro, enquanto que aqueles que freqüentaram a escola por um período de tempo menor mostram menos familiaridade com essas normas lingüísticas.

### 6.3.1.2 Idade

A variável idade também foi selecionada pelo programa estatístico como de alta significância para as realizações em contexto de vibrante múltipla. Observe-se a tabela:

---

<sup>21</sup> O peso relativo inferior a 0,50 inibe a aplicação da regra e o superior a 0,50 favorece sua aplicação. Quanto mais próximo de 0,50 estiver o peso relativo, maior a possibilidade de neutralidade.

**Tabela 3:** Influência da idade sobre as realizações do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla

	Vibrante múltipla			Intermediária			Tepe		
	Freq. Aplic./Total	%	PR	Freq. Aplic./Total	%	PR	Freq. Aplic./Total	%	PR
25 a 39 anos	114/477	24	0,48	219/477	46	0,45	144/477	30	0,63
40 a 54 anos	146/735	20	0,62	245/735	33	0,65	344/735	47	0,23
acima de 55 anos	115/737	16	0,39	222/737	30	0,38	400/737	54	0,71
Total	375/1.949	19		686/1.949	35		888/1.949	46	
	4º selecionado			3º selecionado			2º selecionado <sup>22</sup>		

Na distribuição dos dados, a faixa com os informantes mais jovens tem um número menor de realizações (477), em oposição às demais faixas (735 e 737, respectivamente), o que é consequência da subdivisão efetuada para esta pesquisa, nas amostras que constituem o *corpus* do Banco de Dados VARSUL (cf. metodologia), ficando o grupo mais jovem com seis informantes, o intermediário com dez e o de faixa etária mais alta com oito informantes. Esta distribuição desigual é devidamente tratada pelo programa estatístico utilizado, que relativiza certos enviesamentos da amostra, apontando tendências de uso ao calcular os pesos relativos.

A variável idade foi selecionada como significativa pelo programa para as realizações de todas as variantes da vibrante, em contexto de vibrante múltipla, sendo o segundo fator selecionado para as realizações de tepe, o terceiro selecionado para a 'intermediária' e o quarto selecionado para a realização da vibrante múltipla.

Considerando-se os resultados em geral, verifica-se que a faixa etária do meio (40 a 54 anos) apresenta um comportamento bastante diferenciado face às

<sup>22</sup> Os resultados para o *input* e a significância nas tabelas de número 2 a 11 são iguais aos indicados na tabela 3, pois os resultados foram retirados das mesmas rodadas estatísticas.

demais, tendendo mais à realização da vibrante múltipla e da 'intermediária' (0,62, e 0,65, respectivamente) e inibindo de forma acentuada o uso do tepe (0,23), com uma diferença de aproximadamente 0,40 entre os pesos, o que configura um resultado bem polarizado. Foi este o grupo que, além de tender mais ao uso da vibrante múltipla, também favoreceu mais a 'intermediária', que consideramos como uma tentativa de adaptação às normas do dialeto padrão.

Se analisados os números gerais, o comportamento dos mais jovens (entre 25 e 39 anos) parece seguir a mesma tendência dos mais velhos (acima de 55 anos): ambas as faixas privilegiam o tepe (0,63 e 0,71, respectivamente) e desfavorecem a vibrante múltipla (0,48 e 0,39, respectivamente) e a 'intermediária' (0,45 e 0,38, respectivamente). Nessas faixas etárias, a diferença entre os pesos relativos é mais marcada nos mais velhos: em torno de 0,30 para estes e de 0,20 para os jovens. Tomando-se como base de análise as diferenças entre os pesos relativos extremos para cada fator, pode-se dizer, então, que é entre os mais jovens que se encontra a maior variação; o comportamento dos mais velhos e da faixa do meio está bem definido: aqueles favorecem de modo acentuado o tepe e estes o desfavorecem. Os resultados contradizem parcialmente nossa hipótese inicial, de que os mais jovens seriam os que mais estariam de acordo com o dialeto padrão.

Entretanto, retomando-se o nível 1 da rodada estatística, e analisando o grupo de fatores "idade" isoladamente, percebe-se que, nesse nível, o peso relativo para a realização do tepe em contextos de vibrante múltipla entre o grupo de falantes mais jovens aparece de acordo com o que era esperado (0,34). O peso relativo se inverte na interação entre as variáveis idade e escolarização (passando para 0,51). Juntando-se três grupos de fatores sociais (idade, escolaridade e bilingüísmo) os dados se alteram de forma ainda mais significativa, chegando aos resultados finais apresentados na tabela acima. A análise alerta para o fato de que os fatores sociais interagem na produção lingüística.

Também deve ser considerada a variação existente entre o mesmo grupo etário. Observando cada indivíduo isoladamente, constata-se que há alta produção de tepe em dois dos informantes<sup>23</sup>. O informante 11 produziu 85% de tepe, contra 4% de vibrante múltipla e 11% de 'intermediária'. O informante 12 produziu 87% de tepe, contra 7% de vibrante múltipla e 15% de 'intermediária'. Os dois informantes

---

<sup>23</sup> A averiguação foi feita na rodada com todos os informantes, que será apresentada na seção que trata da variação no indivíduo e na comunidade.

(o primeiro do sexo feminino e o segundo do sexo masculino), possuem grau de escolarização ginasial.

Há, de um modo geral, entre cada um dos grupos, algumas concentrações de produção de uma determinada variante mais em um indivíduo do que no outro. Mas ao contrário do que ocorreu na faixa etária mais jovem (até pelo fato de que os dois outros grupos têm mais informantes, dez na faixa etária intermediária e oito na faixa mais velha, contra seis do primeiro grupo), nas outras duas faixas essas concentrações não alteraram o resultado final. A questão evidencia a necessidade de relativizar os resultados das variáveis sociais tradicionalmente consideradas, já que as redes sociais de cada um dos indivíduos (como a família e demais pessoas com as quais convivem com maior intensidade, por exemplo) também podem estar interferindo consideravelmente na produção lingüística dos informantes. Uma situação que necessita ser clareada em futuras pesquisas.

Com essa ressalva, pode-se aproximar os números gerais associados às duas primeiras faixas (com idades de 25 a 39 anos e de 40 a 55 anos), opondo-se apenas dois grupos etários, o que permite contrapor as realizações dos mais jovens (até 55 anos) contra as dos mais velhos (acima de 55 anos). Poderíamos apontar então como fator em comum no primeiro grupo o fato de estarem no mercado de trabalho, então mais sujeitos a cobranças sociais. O estudo de Naro (1992) contribui para essa afirmação, indicando que as cobranças sociais quanto às realizações lingüísticas são mais fortes no período em que o indivíduo está no mercado de trabalho, tendendo a deixar de agir no período da aposentadoria.

Labov (1994) discute a relação entre faixa etária e variação lingüística, apontando que a predominância de uma variedade entre os mais jovens e sua pouca ocorrência entre os mais velhos pode estar indicando uma mudança em progresso, ou seja, o princípio de abandono de uma variante em favor de outra.

Faraco (1991) destaca que *o que parece relevante para a mudança não é propriamente a função lingüística de um elemento, mas antes a informação social veiculada por suas várias realizações.* (p.117) Com base nesta colocação, evidencia-se o fato de que os informantes dos grupos sociais mais jovens (juntando-se aqui os dois grupos com idade inferior a 55 anos) que estão no mercado de trabalho, com laços sociais mais amplos, buscam evitar o emprego do tepe em

contextos de vibrante múltipla, possivelmente em função da relação deste emprego a uma fala estigmatizada.

Com relação à comunidade de Chapecó, se faz necessário considerar também que os falantes de faixa etária mais alta estiveram mais próximos dos dialetos trazidos da Itália. Também são os informantes mais velhos que por mais tempo viveram em comunidades étnicas fechadas, no meio rural, já que o crescimento da cidade e o êxodo rural são fenômenos relativamente recentes nessa região do estado.<sup>24</sup>

### 6.3.1.3 Bilingüismo

Antes de iniciarmos a análise dos dados, se faz necessário destacar que dos 24 informantes do *corpus* 17 se dizem bilíngües, ou seja, estão habituados a utilizar os dialetos italianos trazidos pelos antepassados; outros sete se dizem monolíngües.

Na verdade, a diferença entre os dois grupos de falantes bilíngües/monolíngües respeita as informações repassadas pelos próprios informantes, embora, ainda de acordo com observações empíricas, não se possa afirmar com precisão esta distinção entre um grupo e outro, sendo que ambos têm um certo contato com a língua dos antepassados, ou convivem com pessoas que, pela proximidade maior com os dialetos italianos, apresentam e transmitem as características dessa interferência lingüística do italiano no português.

Ogliari (1999) discute essa questão, quando trata do fator bilingüismo entre a comunidade ucraniana de Prudentópolis. Para caracterizar os informantes que fizeram parte da pesquisa desenvolvida naquela cidade, Ogliari afirma: *Neste trabalho, adotamos a definição mais elástica, pois consideramos 'bilíngüe' em português-ucraniano o sujeito que revela ter pelo menos competência lingüística e comunicativa nas duas línguas. Por exemplo, se afirma entender a língua, mas não fala ucraniano, é considerado como bilíngüe incipiente.* (pg. 230) Essa situação ocorre na comunidade em estudo e se confirma em depoimento apresentado no capítulo que trata da história da comunidade.

<sup>24</sup> Ao fazermos esta observação, levamos em conta a trajetória da comunidade, já apresentada neste trabalho, e a história do Oeste Catarinense, que até 1970 tinha 70% da sua população vivendo na zona rural e hoje esse percentual de habitantes no campo caiu para menos de 30%.

Vejamos a distribuição dos dados na tabela:

**Tabela 4:** Influência do bilingüismo sobre as realizações do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla

<b>Vibrante múltipla</b>	<b>Freq.</b>			<b>Intermediária</b>			<b>Tepe</b>			
	Aplic./Total	%	PR	Aplic./Total	%	PR	Aplic./Total	%	PR	
Bilíngües	231/1.342	17	0,45	416/1.342	31	0,43	695/1.342	52	0,61	
monolíngües	144/607	24	0,60	270/607	44	0,65	193/607	32	0,27	
<b>Total</b>	<b>375/1.949</b>	<b>19</b>		<b>686/1.949</b>	<b>35</b>		<b>888/1.949</b>	<b>46</b>		
<b>6° selecionado</b>				<b>4° selecionado</b>				<b>3° selecionado</b>		

Em termos gerais, os informantes que se dizem bilíngües inclinam-se a realizar o tepe (0,61) e a desfavorecer a produção da vibrante múltipla e da 'intermediária' (0,45 e 0,43, respectivamente), com uma diferença em torno de 0,20 entre os pesos que se opõem. Já os monolíngües tendem a realizar a vibrante múltipla (0,60) e a 'intermediária' (0,65), e a inibir o tepe (0,27), com uma diferença em torno de 0,40 entre os valores extremos, mostrando um comportamento mais polarizado. Então, a grande diferença parece estar na oposição entre tepe e não-tepe: bilíngües favorecem e monolíngües desfavorecem o uso do tepe; bilíngües desfavorecem e monolíngües favorecem o uso da vibrante 'intermediária'.

Se observarmos os percentuais, notamos que os bilíngües são aqueles que mais realizam o tepe (52%), decrescendo a frequência gradativamente para 'intermediária' (31%) e vibrante múltipla (17%), conforme o esperado. Já os monolíngües realizam mais a vibrante 'intermediária' (44%), seguida do tepe (32%) e da vibrante múltipla (24%) – resultado que é reforçado pelo peso relativo mais alto associado à 'intermediária' (0,65).

Então, ao contrário do que prevíamos nas hipóteses iniciais, há variação tanto entre os bilíngües como entre os monolíngües, o que mostra a interferência dos dialetos italianos e suas realizações lingüísticas, de um modo geral, entre toda a comunidade. No entanto, os resultados numéricos indicam claramente as

tendências dos grupos: enquanto os bilíngües privilegiam o uso do tepe, os monolíngües inclinam-se à realização do não-tepe, o que atende às nossas expectativas iniciais.

#### 6.3.1.4 Sexo

A última das variáveis sociais selecionadas pelo programa como relevante para a realização das variantes do fonema vibrante nos contextos de vibrante múltipla foi o sexo. Este grupo de fatores foi o segundo significativo para a realização da vibrante múltipla, o quarto significativo para o tepe e não foi selecionado como significativo para a realização da 'intermediária'.

**Tabela 5:** Influência da variável sexo sobre as realizações do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla

	Vibrante múltipla			Intermediária			tepe		
	Freq.			Freq.			Freq.		
	Aplic./Total	%	PR	Aplic./Total	%	PR	Aplic./Total	%	PR
Mulheres	243/925	26	0,64	303/925	33	(0,47) <sup>25</sup>	379/925	41	0,42
Homens	132/1.024	13	0,37	383/1.024	37	(0,52)	509.1.024	50	0,57
Total	375/1.949	19		686/1.949	35		888/1.949	46	
	2º selecionado			não selecionado			4º selecionado		

Os números da tabela comprovam a hipótese inicial de que as mulheres se manteriam mais de acordo com o dialeto padrão, empregando em índices superiores do que os homens a vibrante múltipla em contextos esperados. O peso relativo para o emprego da vibrante múltipla foi de 0,64 para as mulheres, contra 0,37 para os homens. A situação se altera quando se trata do uso do tepe, para o qual o peso relativo das realizações feitas pelos homens foi de 0,57, contra 0,42 para as mulheres. A variação foi pequena tanto para homens quanto para mulheres quando se trata da produção da intermediária, ficando 0,52 e 0,47, respectivamente.

Estudos de variação apontam para o fato de que as mulheres tendem a se aproximar mais da norma padrão, principalmente em casos em que a variante é

<sup>25</sup> Os parênteses nos pesos relativos indicam que grupo de fatores não foi estatisticamente relevante. Nesses casos, o peso relativo foi extraído do nível 1 da rodada e inserido na tabela para efeitos de possível comparação.

estigmatizada. Tal postura estaria diretamente relacionada com a cobrança social que cerca as mulheres, das quais se exige socialmente uma conduta mais formal, principalmente pelo papel de educação dos filhos, atribuído às mulheres.

### 6.3.1.5 Cruzamento entre sexo e escolarização

Faremos a seguir o cruzamento entre sexo e escolarização, mostrando resultados de frequência. Não serão realizados cruzamentos envolvendo idade ou bilingüismo, já que as distribuições pela faixa etária e entre bilingüismo/monolingüismo são assimétricas (em função do número menor de monolíngües e da subdivisão no fator faixa etária, feita para esta pesquisa).

**Tabela 6:** Cruzamento entre sexo e escolaridade para análise da realização do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla

	Feminino						Masculino					
	v.múltipla		interm.		Tepe		v. múltipla		interm.		tepe	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
	Aplic/total	Aplic/total	Aplic/total	Aplic/total	Aplic./total	Aplic/total						
Primário	53/317	17	66/317	21	198/317	62	15/311	5	56/311	18	240/311	77
Ginásial	130/397	33	142/397	36	125/397	31	27/338	8	123/338	36	188/338	56
Colegial	60/211	28	95/211	45	56/211	27	90/375	24	204/375	54	81/375	22
Total	243/925	26	303/925	33	379/925	41	132/1.024	13	383/1.024	37	509/1.024	50

Os resultados, em geral, apontam para as seguintes correlações sociais, a partir da escolaridade: a) falantes com primário, sem distinção significativa entre os sexos, apresentam um comportamento gradiente crescente de uso de vibrante múltipla, seguido de 'intermediária' e liderado pelo tepe; b) no nível ginásial, enquanto as mulheres mostram um comportamento lingüístico indiferenciado, os homens revelam o mesmo comportamento crescente mostrado com escolaridade primária; c) informantes com escolaridade colegial, de ambos os sexos, realizam predominantemente a vibrante 'intermediária' (quase o dobro de ocorrências frente às demais).

Tanto homens quanto mulheres apresentam um comportamento decrescente no uso do tepe à medida que aumenta o nível de escolarização. Já quanto à realização da vibrante múltipla, as mulheres menos escolarizadas diferenciam-se sensivelmente dos homens no mesmo nível, com percentual de 17% e 33% para vibrante múltipla e 'intermediária' contra 5 e 8% dos homens. Os homens de nível ginásial têm comportamento próximo às mulheres com grau de instrução primário, sendo que apresentam um percentual de uso do tepe de 56%, contra 62% das mulheres nesse grau de instrução.

Os resultados alcançados nesta pesquisa se assemelham aos obtidos por Rossi (2000) ao analisar as realizações da vibrante nas cidades de Chapecó e Flores da Cunha (RS). A autora considerou que a forma lingüística padrão está mais associada às mulheres.

Assim como previsto nas hipóteses iniciais, os fatores sociais foram os mais relevantes para as realizações das variantes do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla. Em especial a última tabela indica que são os homens com menor escolarização os que menos empregam a vibrante múltipla nos contextos esperados. Estes dados evidenciam a interferência da escola nas variedades consideradas como não-padrão, levando os falantes com maior número de anos de escolarização a se afastarem das normas empregadas pela comunidade a qual pertencem.

### **6.3. 2 Fatores lingüísticos condicionantes das realizações da vibrante em contextos de vibrante múltipla**

Apresentamos, nas hipóteses deste trabalho, poucas expectativas com relação à interferência das variáveis lingüísticas nas produções da vibrante pela comunidade em estudo, por considerarmos a grande importância dos fatores sociais sobre estas realizações. Apontávamos que entre os fatores lingüísticos com destaque estariam o contexto anterior, posterior e a tonicidade.

Entretanto, dentre os grupos de fatores lingüísticos selecionados pelo programa como relevantes para as realizações das variantes em contexto de vibrante múltipla, o principal deles é a posição do fonema na palavra. A seguir são

apresentados os resultados para as variáveis lingüísticas: posição na palavra, tonicidade, contexto precedente, contexto seguinte e classe morfológica.

### 6.3.2.1 Posição na palavra

A posição do fonema na palavra aparece como o primeiro grupo de fatores significativos para a realização da vibrante múltipla em contextos esperados, única variável que está acima até dos fatores sociais, sendo o segundo grupo de fatores selecionados para a realização da intermediária.

**Tabela 7:** Influência da posição na palavra sobre as realizações do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla

Vibrante múltipla	Intermediária			tepe					
	Freq. Aplic./total	%	PR	Freq. Aplic./total	%	PR	Freq. Aplic./total	%	PR
Início	304/1.095	28	0,70	264/1.095	24	0,36	527/1.095	48	(0,53)
V-V	72/854	8	0,25	422/854	49	0,68	361/854	42	(0,47)
Total	375/1949	19		686/1.949	35		888/1.949	46	
	1° selecionado			2° selecionado			não selecionado		

A tabela mostra que o lugar preferencial para a vibrante múltipla é o de posição inicial na palavra (como em *rua*); para a 'intermediária' é a posição intervocálica (como em *bairro*). Quando a vibrante encontra-se em início de palavra, a tendência é que se realize como vibrante múltipla (0,70). Em posição intervocálica, a vibrante múltipla fica inibida (0,25). Nesse contexto, a realização da 'intermediária' tem um peso relativo alto (0,68). Acreditamos que estas realizações ocorram como tentativas do falante em se aproximar do dialeto padrão, reduzindo assim o emprego do tepe nestes contextos onde há oposição entre vibrante múltipla e tepe (como em *carro* e *caro*).

O tepe é a realização mais variável da vibrante, mostrando um equilíbrio no uso em ambas as posições: início de palavra 48% e posição intervocálica 42%,

índices altos, considerando a análise sobre as realizações em contextos de vibrante múltipla.

### 6.3.2.2 Tonicidade

Passamos agora à análise da influência da tonicidade na realização do fonema vibrante. Esse grupo de fatores obteve a quinta colocação em grau de significância para a realização da vibrante múltipla e do tepe e não foi selecionado como significativo para as realizações da 'intermediária'.

**Tabela 8:** Influência da tonicidade da sílaba na realização do fonema vibrante em contexto de vibrante múltipla

<b>Vibrante múltipla</b>				<b>intermediária</b>			<b>tepe</b>		
Freq.				Freq.			Freq.		
	Aplic./total	%	PR	Aplic./total	%	PR	Aplic./total	%	PR
pré-tônica	178/858	21	0,40	263/858	31	(0,45)	419/858	49	0,58
tônica	173/804	22	0,58	284/804	35	(0,50)	347/804	43	0,44
pós-tônica	24/287	8	0,57	49/287	48	(0,63)	124/287	43	0,40
<b>Total</b>	<b>375/1.949</b>	<b>19</b>		<b>686/1.949</b>	<b>35</b>		<b>888/1.949</b>	<b>46</b>	
<b>5º selecionado</b>				<b>não selecionado</b>			<b>5º selecionado</b>		

A tonicidade mostrou-se, conforme hipótese levantada para a interferência dos grupos de fatores lingüísticos, significativa para a realização da vibrante múltipla e do tepe. Os dados da tabela indicam que as sílabas tônica e pós-tônicas favorecem levemente a realização da vibrante múltipla (em palavras como *carroça* e *barro*, respectivamente), com pesos relativos de 0,58 e 0,57; enquanto que a sílaba pré-tônica favorece o tepe (relógio), também com peso relativo de 0,58.

### 6.3.2.3 Contexto precedente e contexto seguinte

Além da posição na palavra e da tonicidade, os demais fatores lingüísticos, como contexto precedente, contexto seguinte e classe morfológica, foram

selecionados para apenas uma das realizações dos fonemas no contexto de vibrante múltipla. Os resultados da interferência dos contextos precedente e seguinte são apresentados nas tabelas que seguem:

**Tabela 9: A influência do contexto precedente para a realização do fonema vibrante em contexto de vibrante múltipla**

	Vibrante múltipla			Intermediária			tepe		
	Freq. Aplic./total	%	PR	Freq. Aplic./total	%	PR	Freq. Aplic./total	%	PR
V. ant. oral	284/1.469	19	(0,52)	51/1.469	38	(0,53)	634/1.469	43	0,48
consoante	27/99	27	(0,49)	18/99	18	(0,29)	54/99	55	0,57
V. ant. nasal	10/37	27	(0,49)	11/37	30	(0,44)	16/37	43	0,43
Vazio	18/85	21	(0,41)	22/85	26	(0,39)	45/85	53	0,50
V. post. oral	15/60	25	(0,46)	13/60	22	(0,34)	32/60	53	0,53
V. post. nasal	12/105	12	(0,46)	0/105	38	(0,53)	53/105	50	0,53
glide	9/94	10	(0,38)	31/94	33	(0,48)	54/94	57	0,75
Total	375/1.949	19		646/1949	35		888/1.949	46	
	não selecionado			não selecionado			6° selecionado		

O contexto precedente foi considerado relevante pelo programa para a realização do tepe em contexto de vibrante múltipla, ocupando a sexta colocação em grau de significância, embora não se percebam diferenças numéricas acentuadas. As semivogais foram as que mais favorecerem a realização do tepe (como em *bairro*, pronunciado como [bayro] por muitos informantes), com um peso relativo de 0,75 para estas realizações.

Abaixo, apresentamos a tabela que indica a interferência do contexto seguinte sobre as realizações do fonema vibrante.

**Tabela 10:** Influência do contexto seguinte sobre a realização do fonema vibrante em contexto de vibrante múltipla

	Vibrante múltipla			Intermediária			tepe		
	Freq. Aplic./total	%	PR	Freq. Aplic./total	% R		req. Aplic./total	%	PR
V. ant. oral	301/1.588	19	0,50	571/1.588	36	(0,51)	716/1.588	45	(0,50)
V ant. nasal	19/68	28	0,73	22/68	32	(0,47)	27/68	40	(0,44)
V. post oral	55/293	19	0,42	93/293	32	(0,46)	145/293	49	(0,54)
Total	375/1.949	19		686/1.949	35		888/1.949	46	
	7º selecionado			não selecionado			não selecionado		

O contexto seguinte<sup>26</sup> foi considerado significativo pelo programa apenas para a realização da vibrante múltipla em contextos esperados. Nessas realizações, a vogal anterior nasal foi a que obteve a maior peso relativo, com 0,73 (ressalve-se, porém, o número reduzido de ocorrências nesse fator). Os dois outros contextos se mantiveram próximos da linha de neutralidade, com 0,50 para a vogal anterior oral e 0,42 para a vogal posterior oral.

#### 6.3.2.4 Classe morfológica

O último dos grupos de fatores lingüísticos selecionados pelo programa como relevante para as realizações do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla foi a classe de palavras (o número de sílabas não foi considerado significativo pelo programa). Neste grupo, as realizações foram divididas em substantivos, verbos e palavras funcionais.

<sup>26</sup> Para a análise do contexto seguinte ao fonema vibrante, consideramos cinco possibilidades: vogal anterior oral, vogal anterior nasal, vogal posterior oral, vogal posterior nasal e glide (semivogal). Na tabela, foram amalgamados os dados de vogal posterior oral, vogal posterior nasal e glide, porque para vogal posterior nasal foi encontrado apenas um dado e para glide sete dados, sendo que nenhum deles em contexto seguinte à 'intermediária'. A junção foi possível pela proximidade lingüística entre as três formas.

**Tabela 11:** Influência da classe morfológica da palavra sobre a realização do fonema vibrante em contexto de vibrante múltipla

<b>Vibrante múltipla</b>				<b>Intermediária</b>				<b>Tepe</b>			
	Freq.			Freq.			Freq.				
	Aplic./total	%	PR	Aplic./total	%	PR	Aplic./total	%	PR		
Substantivo	293/1.438	20	(0,52)	490/1.438	34	0,48	655/1.438	46	(0,50)		
verbo	74/490	15	(0,43)	194/490	40	0,57	222/490	45	(0,50)		
p. func.	8/21	38	(0,72)	2/21	10	0,24	11/21	52	(0,57)		
Total	375/1.949	19		686/1.949	35		888/1.949	46			
não selecionado				5ª selecionado			não selecionado				

A classe morfológica foi selecionada pelo programa para a realização da 'intermediária', ocupando a quinta colocação em grau de significância para esta variante. Os verbos foram as classes de palavras que mais favoreceram a realização desta variante da vibrante, com peso relativo de 0,57.

As variáveis lingüísticas, assim como o esperado nas hipóteses deste trabalho, não foram muito significativas para as realizações variáveis da vibrante em contexto de vibrante múltipla, entre o grupo em estudo. A única exceção foi a posição na palavra, contexto significativo tanto para as realizações de vibrante múltipla em contextos esperados, quando da 'intermediária'. Embora já se tenha discutido a questão, vale reforçar que essa alta significância da posição na palavra para determinar o emprego de uma ou outra variante parece demonstrar a preocupação dos informantes com as regras fonológicas do português padrão. Pode-se supor que os informantes procuram utilizar a vibrante múltipla em início de palavras, pela observação desse emprego na fala de outras pessoas.

Outra curiosidade é a alta incidência de 'intermediária' em posição intervocálica de vibrante múltipla. Acreditamos que essa variante inexistente no sistema fonológico do português brasileiro tenha surgido nesse contexto como tentativa de correção dos falantes, acostumados com o uso do tepe, em função da interferência da língua dos antepassados.

Passamos agora à análise das realizações lingüísticas em contextos esperados de tepe.

## **6.4 Análise dos contextos de tepe**

Prevíamos no início deste trabalho que haveria menos variação em contextos nos quais o esperado seria o tepe, devido à interferência dos dialetos italianos sobre a comunidade em estudo, favorecendo esta realização.

A hipótese de que os fatores sociais seriam mais relevantes para a realização da vibrante múltipla em contexto esperado de tepe se confirmou parcialmente, já que de cinco grupos de fatores selecionados como estatisticamente relevantes, apenas o segundo e o terceiro são sociais. Para manter a simetria com a seção anterior, serão apresentadas primeiramente as tabelas com os fatores sociais que se mostraram significativos para a realização da vibrante múltipla, partindo depois para os fatores lingüísticos considerados relevantes.

### **6.4. 1 Fatores sociais condicionantes das realizações do fonema vibrante em contextos esperados de tepe**

Das três variantes consideradas nesta pesquisa, os informantes que fazem parte da amostra produziram o tepe em contextos esperados em 95% dos casos. Esse índice alto levou-nos à opção metodológica de não detalhar as realizações de tepe nesses contextos, já que são a grande maioria. Descrevemos a seguir as realizações da vibrante múltipla em contexto de tepe (5% das ocorrências), sendo que as ocorrências de 'intermediária' já foram apresentadas, no início deste capítulo.

#### **6.4.1.1 Sexo**

A variável sexo foi a segunda selecionada pelo programa para as realizações de vibrante múltipla em contextos esperados de tepe. Apresentamos a seguir a tabela com os dados, que mostra, também, uma inversão na expectativa inicial de realização dos informantes, quanto a essa variável.

**Tabela 12:** influência do fator sexo para a realização do fonema vibrante em contextos esperados de tepe

<b>vibrante múltipla</b>			
	Freq.		
	Aplic./total	%	PR
Feminino	46/645	7	0,67
Masculino	15 /623	2	0,33
Total	61/1.268	5	
<i>input</i> .03 significância .016 <sup>27</sup>			
<b>2º significativo</b>			

A tabela mostra que as mulheres tendem a produzir mais vibrantes múltiplas em contextos esperados para tepe (0,67) enquanto que os homens inclinam-se a inibir esta realização (0,33). Esse resultado, em princípio, contraria a expectativa de que as mulheres se mantivessem mais dentro do padrão lingüístico do português brasileiro. Entretanto, essa situação pode ser vista como uma tentativa do grupo de informantes em se aproximar do sistema fonológico padrão do português. Diante desse intento, elas produziriam mais vibrantes múltiplas em todos os contextos, devido às dificuldades já mencionadas do emprego desse fonema, por não fazer parte dos dialetos italianos que são de domínio da maioria dos informantes do *corpus* dessa pesquisa.

Nesta tabela, entretanto, observa-se o baixo percentual obtido para as realizações em questão. As mulheres realizaram 7% de vibrantes múltiplas em contextos de tepe, e os homens 2%. Esses índices baixos reforçam o que já foi citado anteriormente, de que a variação em contextos de tepe é bem menor do que em contextos de vibrante múltipla.

<sup>27</sup> Os resultados para o *input* e a significância nas tabelas de número 12 a 17 são iguais aos indicados na tabela 3, pois os resultados foram retirados das mesmas rodadas estatísticas.

### 6.4.1.2 Idade

A idade foi selecionada como a terceira variável significativa para as realizações do fonema vibrante em contextos de tepe. A tabela detalha as realizações.

**Tabela 13:** Influência do fator idade para a realização do fonema vibrante em contextos esperados de tepe

<b>vibrante múltipla</b>			
	Freq.		
	Aplic./total	%	PR
25 a 39 anos	7/314	2	0,33
40 a 54 anos	24/472	5	0,51
acima de 55 anos	30 /482	6	0,60
Total	61/1.268	5	
<b>3º significante</b>			

A interferência do fator idade mostrou-se relevante para a realização da vibrante múltipla em contextos de tepe, principalmente entre os informantes com mais de 55 anos. Os mais velhos favorecem a realização da vibrante múltipla (0,60). Já os informantes da faixa etária mais jovem são os que mais inibem a produção da variante em contextos de tepe (0,33).

Há, de um modo geral, uma forte tendência entre a comunidade em estudo para o emprego do tepe em contextos esperados para esta realização. O percentual de 5% de uso das outras duas variantes (vibrante múltipla e 'intermediária') pareceu, com base na análise dos dados, ser consequência da tentativa de aproximação com o dialeto padrão, análise que pode ser feita a partir das produções das mulheres que compõem o *corpus*, que são consideradas o grupo social que mais tende a se aproximar da fala padrão.

### 6.4.2. Fatores lingüísticos condicionantes para a realização da vibrante em contextos de tepe

A tentativa que fazem os informantes de se aproximarem do dialeto padrão do português brasileiro parece ser um dos fatores principais que os levam ao emprego da vibrante múltipla em contextos de tepe. Desta forma, a proximidade lingüística de uma palavra que contenha, no sistema fonológico padrão, uma múltipla, pode ser um dos fatores que levam o falante a produzir o mesmo som em contexto de tepe, que esteja lingüisticamente próximo. Como no exemplo extraído da fala de um dos informantes:

(19) ... *muitas barraquinhas* [baRakinhas] nas beiras [beyRaz]...  
(CHP02L0304)

#### 6.4.2.1 Tonicidade

A tonicidade da palavra foi o fator que mais significância obteve no programa para a realização da vibrante múltipla em contextos de tepe, comprovando o que também se aplicou para os contextos esperados de vibrante múltipla.

**Tabela 14:** Influência da tonicidade da sílaba para a realização do fonema vibrante em contextos esperados de tepe

<b>vibrante múltipla</b>			
	Freq. Aplic./total	%	PR
pré-tônicas	41/126	3	0,47
tônicas	41/449	9	0,73
pós-tônicas	16/697	2	0,35
Total	61/1.268	5	
<b>1º significativo</b>			

Como já mencionado, dos cinco grupos de fatores selecionados pelo programa como estatisticamente relevantes para as realizações de vibrante múltipla em contextos esperados de tepe, três foram lingüísticos. Aparecer em sílaba tônica foi condição importante para que a variante empregada fosse a vibrante múltipla (em palavras como *porão*, pronunciadas com alta incidência entre o grupo como [poRon]).

Os demais grupos de fatores lingüísticos sempre ocuparam posições menos importantes nas classificações feitas pelo programa para este fenômeno de variação.

#### 6.4.2.2 Contexto seguinte

O contexto seguinte na palavra foi o quarto fator significativo selecionado pelo programa para as realizações de vibrante múltipla em contextos de tepe. É o que indica a tabela.

**Tabela 15:** Influência do contexto seguinte na palavra sobre a realização do fonema vibrante em contextos esperados de tepe

<b>Vibrante múltipla</b>			
	Freq.		
	Aplic./total	%	PR
V. ant. oral	47/879	5	0,57
V. ant. nasal	5/54	9	0,66
V. posterior oral	9/335	3	0,31
Total	61/1.268	5	
<b>4º significativo</b>			

Vogais anteriores, tanto orais quanto nasais, foram as que mais contribuíram para a realização de vibrantes múltiplas em contexto de tepe. Entretanto, em nenhum dos casos o percentual de ocorrências foi muito significativo, levando-se em consideração, também, o fato de que apenas 5% das realizações dos informantes em contextos de tepe foram de não-tepe.

### 6.4.2.3 Classe morfológica

Analizamos agora a interferência da classe de palavras sobre a realização da vibrante em contextos de tepe. A classe foi a última variável significativa selecionada pelo programa para essas realizações.

**Tabela 16:** Influência da classe da palavra para a realização do fonema vibrante em contextos esperados de tepe

<b>vibrante múltipla</b>			
	Freq.		
	Aplic./total	%	PR
Substantivo	39/687	6	0,59
verbo	19/496	4	0,38
palavra funcional	3/85	4	0,42
Total	61/1.268	5	
<b>4º significância</b>			

Nos contextos de tepe a palavra ser um substantivo, de acordo com os dados da tabela, propiciaram mais condições de a variante empregada em contextos de tepe ser uma vibrante múltipla (com em *arado* [aRado], por exemplo), diferente do que ocorreu com a realização da vibrante múltipla em contextos esperados, ambiente no qual a palavra ser um verbo facilitou a utilização dessa mesma variante.

Embora o número de realizações de não-tepe em contextos esperados de tepe tenha sido baixo, a análise do emprego de vibrante múltipla nessa situação foi relevante, por indicar a variação nesse contexto como uma das características de fala da comunidade em estudo, mesmo não sendo a mais forte. Os informantes variam, também nesses contextos, possivelmente por estarem mais próximos dos dialetos italianos e dos reflexos produzidos por esse dialeto na fala em português, do que próximos ao padrão fonológico do português brasileiro. A tentativa de aproximação, em muitos casos, gera a hipercorreção (cf. já mencionado), levando ao “erro”.

Para evidenciar melhor a variação existente, passamos agora à subseção que trata da variação na comunidade e no indivíduo.

### **6.5 Variação na comunidade e variação no indivíduo**

A análise dos dados indica uma forte variação, tanto na comunidade como na fala da maioria dos informantes que fazem parte do *corpus*. Das 1.949 ocorrências do fonema nos contextos de vibrante múltipla (início de palavra e intervocálico) e de tepe (intervocálico), há variação em praticamente todos os informantes, com exceção de dois deles; o informante 5 não produz a 'intermediária', realizando 98% de tepe e 2% de vibrante múltipla e o informante 16 não articula o tepe nestes contextos, fazendo um tipo de variação diferente, que oscila entre a vibrante múltipla e a 'intermediária'.

Essa constatação confirma a hipótese de que a variação é uma característica forte na comunidade local. Também apontávamos nesta mesma hipótese o fato de que, além da variação na comunidade, haveria variação em um mesmo informante. Essa hipótese pode ser confirmada com a leitura da tabela abaixo, que apresenta as realizações das variantes da vibrante (vibrante múltipla, tepe e 'intermediária') em cada um dos 24 informantes. Ao lado das realizações lingüísticas são apresentadas as características sociais desses informantes (sexo: F - feminino, M - masculino; idade: 1 - de 25 a 39 anos, 2 - de 40 a 54 anos e 3 para informantes acima de 55 anos; escolaridade: P - primário, G - ginásial e C - colegial; fator bilingüismo: b - bilíngüe e m - monolíngüe).

Tabela 17: A variação nos informantes em contextos de vibrante múltipla

Infor- mante	v. múltipla freq. %	tepe freq. %	interm. freq. %	total	sexo	idade	escola ridade	bilin güis mo
1	13 15	56 64	18 21	87	F	2	P	b
2	12 15	31 39	36 46	79	M	2	P	m
3	1 1	78 90	8 9	87	M	2	P	b
4	15 19	41 51	24 30	80	F	2	P	m
5	1 2	55 98	0 0	56	M	3	P	b
6	4 5	70 92	2 3	76	F	3	P	m
7	21 28	31 42	22 30	74	F	2	P	b
8	1 1	76 85	12 13	89	M	2	P	b
9	51 63	1 1	29 36	81	F	1	G	m
10	16 15	23 22	67 63	106	M	1	G	m
11	3 4	54 76	14 20	71	M	1	G	b
12	6 10	39 64	16 26	61	F	1	G	b
13	10 9	77 73	19 18	106	F	3	G	b
14	3 3	73 84	11 13	87	M	3	G	b
15	5 7	38 51	31 41	74	M	3	G	b
16	41 57	0 0	31 43	72	F	2	G	b
17	22 29	8 10	47 61	77	F	2	C	m
18	22 24	19 18	65 60	108	M	1	C	m
19	14 28	8 16	28 56	50	F	1	C	b
20	21 23	23 25	48 52	92	M	2	C	b
21	38 36	1 1	66 63	105	F	3	C	b
22	10 15	34 47	29 40	73	M	3	C	b
23	8 14	47 84	1 2	56	F	3	C	b
24	35 34	5 5	62 61	102	M	3	C	b
<b>Total</b>	<b>375 19</b>	<b>888 46</b>	<b>686 35</b>	<b>1.949</b>				

A apresentação da tabela com os informantes que fazem parte do *corpus* é importante porque permite observar a variação existente entre o grupo e as realizações de todas as variantes que estão sendo observadas neste trabalho. A opção por apresentar a rodada com todos os informantes em contextos de vibrante

múltipla foi feita por ser este o contexto no qual mais há variação, já que em contextos de tepe 95% das realizações ocorrem de acordo com o esperado.

O registro da 'intermediária' indica um processo de variação na comunidade, na qual as realizações da vibrante múltipla em contextos esperados apresentam índices baixos. Em quase a metade das ocorrências (46% delas) os informantes produziram tepe e apenas 19% de vibrantes nitidamente múltiplas. Foram identificadas 35% de 'intermediárias', em casos nos quais não é possível a classificação precisa como tepe ou vibrante múltipla.

Traços fonético-fonológicos que se mostram próprios desse grupo, como a presença relativamente alta da 'intermediária' nas manifestações do fonema vibrante percebidas em todos os informantes, aliada à baixa produção de vibrantes múltiplas entre o grupo, reforçam a possibilidade de sustentação da existência de um dialeto particular utilizado pelos descendentes de italianos de Chapecó (com base teórica na concepção de dialeto de Langacker, apresentada no capítulo do Fenômeno em Estudo).

Os percentuais obtidos nesta pesquisa diferem daqueles levantados por Rossi (2000), ao fazer a análise do emprego da vibrante em Chapecó e Flores da Cunha (RS), outra cidade de colonização italiana que faz parte do banco de dados VARSUL. A pesquisa desenvolvida por Rossi apontou um equilíbrio entre as realizações de vibrantes múltiplas apicodentais (49%) e de tepe (46%) em contextos intervocálicos de vibrante múltipla. Entretanto, a diferença estatística pode estar relacionada ao fato de que Rossi não isolou as realizações que nós denominamos como 'intermediárias', de acordo com as evidências já explicitadas, tomando-as, provavelmente, como vibrantes múltiplas.

Estas observações reforçam o que apresentávamos no início deste trabalho, de que a fala dos informantes da comunidade caracteriza-se pelas diferenças em relação às normas fonológicas do dialeto padrão. Este grupo, assim como outras comunidades formadas por descendentes de italianos, em especial no Sul do país, apresentam a interferência dos dialetos trazidos ao país pelos antepassados, em sua fala em português.

## 7. O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

Destacávamos nas hipóteses que nortearam a realização deste trabalho o fato de os descendentes de italianos sofrerem o preconceito pelos traços fonológicos próprios que marcam a fala da comunidade. Indicávamos na hipótese que este grupo, por muito tempo fechado (por motivos detalhados anteriormente), se abriu à convivência com outras etnias, com o acesso à escola, o êxodo rural, com a expansão do comércio na cidade e a interferência dos meios de comunicação.

Apontávamos que falantes de outros dialetos seriam os que mais manifestariam o preconceito com relação às características fonológicas dos descendentes de italianos. Não obtivemos, nesta pesquisa, resposta quanto ao grupo que mais favorece este preconceito, mas conseguimos evidências de que ele está presente na comunidade.

Antes de entrarmos no caso específico de Chapecó, consideramos relevante abrir uma discussão a respeito do preconceito lingüístico no país. Consideramos em capítulo anterior a diversidade lingüística existente no Brasil. Entretanto, esta diversidade, embora evidente, enfrenta resistências quando difere do que é considerado a *norma padrão*. Callou define a norma lingüística como sendo *o uso estatisticamente dominante ou como o uso valorizado de um determinado grupo (o grupo social dominante), produzindo assim o 'bom uso' que irá eclipsar as normas de outros grupos.* (1996:79)

Soares (1989) discorre sobre a linguagem e os fatores sociais de produção, retomando as idéias de Bourdieu. Para Bourdieu (1983), são fatores essenciais e determinantes no uso da linguagem: as condições sociais e concretas de instauração da comunicação. O sociólogo desloca o foco de análise da caracterização da linguagem para a descrição das condições sociais em que ela ocorre. Diante deste processo de interação entre o que é lingüístico e o que é social, Bourdieu conclui que as características lingüísticas que correspondem às posições econômicas e sociais privilegiadas são as que ganham legitimidade. (1983, *apud* Soares, 1989:57/60)

Soares explica que, enquanto o foco da análise sociolingüística se volta para as diferenças lingüísticas e caracterização dos dialetos, Bourdieu dirige o olhar para

as relações de força materiais e simbólicas que condicionam o uso da língua, na estrutura social a que pertencem os interlocutores.

No caso brasileiro, da mesma forma que no século XVIII, com as medidas governamentais que frearam a comunicação em línguas indígenas, e da Campanha Nacionalista, na década de 1930, que proibia o uso das línguas estrangeiras trazidas ao país pelos imigrantes, os usuários dos diversos dialetos existentes enfrentam barreiras ainda hoje. Não são mais medidas explícitas como as duas citadas, mas não se pode negar que sejam barreiras oficiais, pois os usuários de dialetos não-padrão encontram problemas ao entrar na escola, onde são orientados a *aprender a falar*.

Não é o caso, aqui, de se questionar a existência de uma língua nacional, mas, sim, pretende-se discutir o preconceito que envolve o uso de dialetos não-padrão. Afinal, se eles existem, são reflexos da diversidade cultural do país, das diferenças regionais, culturais e até mesmo econômicas que envolvem a população brasileira. Entretanto, a imposição de uma norma-padrão incute nos falantes dos dialetos regionais a falsa idéia de que não sabem falar a língua do seu país:

*Quando um falante nativo de uma língua explicita o sentimento de que 'não sabe falar a sua própria língua', ele de fato está confundindo 'a sua língua' com a gramática normativa de parte de sua língua. (...) Enunciados brasileiros 'não sei falar a minha língua' ou 'a minha língua é difícil', significam que 'não sei gramática normativa da língua portuguesa' ou 'a gramática normativa da língua portuguesa é difícil'. (Scherre, 1999:24-5)*

Esta preocupação em enfrentar o preconceito que envolve os dialetos não-padrão é, para Voese, um papel dos lingüistas:

*Caberia (...) à Lingüística, através da divulgação do resultado de suas pesquisas, desconstruir o preconceito, afirmando, por exemplo, que as variedades lingüísticas não têm diferenças em termos de condições de servir à função comunicativa. (Voese, 1995:52)*

As citações apresentadas apontam para o papel da Lingüística, na desconstrução do preconceito que por muitos anos (e ainda hoje!) cercaram os falantes dos dialetos não-padrão, com estudos reveladores do cumprimento das funções comunicativas, independente do dialeto utilizado. Esses estudos são o foco da Sociolingüística. Elia (1987) destaca que a Sociolingüística se interessa pelo estudo das relações entre a estrutura das línguas e a organização social. O que

significa, ainda segundo o autor, a preocupação com a co-variação entre fato lingüístico e fato social, isto é, *a relação de causa e efeito entre o fato social e sua repercussão na tessitura das línguas*. (p. 146)

Mollica destaca o papel desta linha de pesquisa no estudo das variedades dialetais e da interferência dos fatores sociais na língua:

*(...) A Sociolingüística assume tarefas importantes e bastante complexas, como a de entender os efeitos lingüísticos que emergem de agentes da estrutura social e, inversamente proporcional, compreender os efeitos sociais que podem emergir das estruturas lingüísticas*. (Mollica, 1996:119)

Callou (1995) reforça o que diz Mollica, ao apontar que o estágio atual das pesquisas sociolingüísticas no país evidencia esta interação entre língua e ascensão social. A autora destaca que mesmo os indivíduos favorecidos pelo acesso à educação formal utilizam, informalmente, padrões das *chamadas línguas populares*. Os padrões idealizados, característicos da escrita, são acionados *em situações em que está em jogo o seu prestígio social*. (1995:89)

O domínio da norma culta se torna um instrumento de poder, fazendo com que a produção lingüística deixe de ser considerada apenas como a capacidade de uso de uma língua, *mas também como o domínio de regras sociais que controlam tanto a produção como a circulação dos discursos (falas)*. (Voese, 1995:53)

O documento da ABRALIN, "**Pela definição da Política Lingüística no Brasil**", aprovado em reunião extraordinária na Associação, em 27 de fevereiro 1999, faz uma síntese da situação lingüística do país, citando a questão da diversidade lingüística e do preconceito. O documento aponta que a diversidade da língua portuguesa no Brasil foi determinada por vários fatores, entre eles a evolução histórica do país, questões geográficas, sociais, etárias e profissionais. Além da formação lingüística ser resultado de questões históricas, o documento mostra o fato de os preconceitos lingüísticos serem resultado de ideologias historicamente enraizadas.

*São exemplos destes preconceitos idéias como a de que a norma a ser ensinada na escola é a praticada pelos escritores consagrados em suas obras e a de que quem não fala como tais textos está falando errado*. (Scliar-Cabral, 1999:16)

O documento alerta para noções errôneas que associam o uso do português padrão com nacionalidade, noções estas que orientam a escola a ensinar o aluno a falar, referindo-se à norma culta.

*O desconhecimento sobre como os indivíduos desenvolvem sua competência oral e escrita leva à suposição de que basta decorar as regras expostas na Nomenclatura Gramatical Brasileira para que sejam proficientes ao se comunicar. (Ibidem:16)*

Na verdade, passa despercebido para a maioria dos professores o fato de que, para a criança proveniente das classes menos privilegiadas, a língua padrão é, na verdade, uma língua estrangeira. A problemática do preconceito que envolve os dialetos não-padrão na escola é tratada por Cagliari (1996). O autor destaca que, a partir da entrada na escola, a criança de comunidades usuárias de dialetos menos prestigiados precisa reaprender a falar, partir da estaca zero para a aprendizagem.

*Tudo o que ela conquistou até aquele momento será completamente ignorado, embora a escola possa dizer que está partindo do conhecimento de sua realidade. Descobrirá o preconceito desta quanto ao seu modo de falar (...) que no fundo será avaliado por isso e sentirá uma dor profunda, porque ela, a criança, perceberá que isso tudo acontece porque é pobre. (Cagliari, 1996: 20)*

### **7.1 Preconceito lingüístico voltado à fala dos italianos em Chapecó**

Para ilustrar o preconceito lingüístico que, empiricamente, se observa na comunidade com relação às características fonético-fonológicas dos descendentes de italianos, podemos utilizar as manifestações apresentadas pela imprensa no período da campanha eleitoral de 2000.

As características lingüísticas dos chapecoenses descendentes de italianos foram alvos de críticas durante este período. A propaganda eleitoral gratuita expôs os candidatos e aqueles que apresentaram traços do dialeto em estudo receberam uma severa crítica em nota publicada na coluna do jornal local Diário do Iguazu, no dia 13 de setembro de 2000:

### 'FALANDO 'ERADO'

*Falando em eleições, seria interessante se os assessores políticos se preocupassem mais com o texto que os candidatos apresentam nos horários políticos. Numa cidade universitária como Chapecó, fica difícil aceitar um discurso que ainda fale dos 'bairros' da cidade, quando o correto seria 'bairros'. No final, acaba sendo um desserviço e até um desrespeito à população eleitora.*

(Diário do Iguazu, 13/09/2000)

A nota publicada pelo jornal deixa clara a discriminação relativa às características lingüísticas que já descrevemos aqui como fazendo parte da comunidade de fala dos descendentes de italianos. Pelo uso da expressão *ainda*, o jornal parece considerar como um traço do passado a substituição da vibrante múltipla pelo tepe.

Citar o fato de Chapecó por ser uma *cidade universitária* também leva à interpretação de que o redator da nota acredita ser o modo de falar dos candidatos em questão um dialeto de pessoas pouco escolarizadas, o que nem sempre é verdade, já que em muitos casos a característica lingüística se mantém, mesmo em falantes de nível superior.

A nota segue dizendo que "... *fica difícil aceitar um discurso que ainda fale em 'bairros'...*" indicando a compreensão de que o traço fonológico do falante compromete o enunciado como um todo, as informações do discurso político apresentado à sociedade através da propaganda eleitoral.

A marca de preconceito também fica explícita, quando o texto apresenta o que seria o *correto* para a pronúncia em 'bairros'. Ao afirmar que o uso de uma palavra não é correta, ou seja, que é um erro, o jornal precisa ter um referencial que, no caso, fica explícito ser o padrão do português brasileiro. Possenti (1996) aponta que a noção mais corrente de erro é a da gramática normativa, onde é *erro tudo aquilo que foge à variedade que foi eleita como exemplo de boa linguagem*. (p. 78) O autor contrapõe este ponto de vista, desfazendo o conceito normativo de erro: *Sendo a língua uma realidade essencialmente variável, em princípio não há formas ou expressões intrinsecamente erradas*. (p.86)

A associação de traços fonológicos com a capacidade ou não de comunicação do falante também fica clara quando o jornal alerta para a necessidade de os assessores políticos se preocuparem mais *com o texto que os*

*candidatos apresentam nos horários políticos.*

De forma recriminatória, o veículo de comunicação chama de *desrespeito e desserviço*, a forma de comunicação empregada pelos candidatos que utilizam o dialeto em questão. Uma prova de como é visto o dialeto por certos segmentos da população local. Chamando de *desrespeito* o emprego de um dialeto que não responde às regras do dialeto padrão do português brasileiro, a nota publicada pelo jornal traduz de forma clara o preconceito que envolve esses dialetos, confirmando as considerações feitas até agora, no andamento deste trabalho. Sem contar o fato de que, por ser um veículo de circulação pública, o jornal chega a falantes de todos os dialetos, inclusive os usuários do dialeto questionado com tanta severidade, podendo, diretamente, ofender os leitores que encontram em si próprios as características acusadas de *desserviço e desrespeito*.

Dias mais tarde, em 16/09, o jornal retoma o assunto dos programas eleitorais, com o que seria uma repercussão da nota publicada já publicada:

#### ESCOLINHA NELES

*Repercuta muito o comentário feito nesta semana sobre o nível dos candidatos a vereador neste ano em Chapecó. A população que nos interpela pelas ruas se mostra totalmente favorável ao questionamento e sente-se agredida com tantas bobagens faladas nas ondas do rádio ou da telinha. Um deles nos revelava: 'você falou aquilo que todos nós sentimos'. Entre as abordagens pessoais ou telefonemas recebidos, registro aqui alguns comentários: 'Isso é palhaçada total. Não dá pra assistir um programa eleitoral, eles estão achando o quê?. Vamos parar com isso, não somos palhaços. Quanta bobagem meu Deus. Assisti só os primeiros programas e depois não aguentei mais. Proibi meus filhos de assistir o festival de ignorância este ano'. Esses e mais alguns registros são os reflexos de uma eleição questionada por todos em Chapecó. Lamentável.*

*Diário de Iguaçu, 16/09/00*

O comentário em questão também inclui recriminação quanto ao conteúdo dos discursos políticos, marcas presentes em trechos como "... *tanta bobagem falada...*" O comentário apresentado pelo jornal parece estar carregado de senso comum, ao afirmar, sem provas, serem as eleições referidas questionadas por todos em Chapecó. Traços estes nos quais não nos aprofundaremos pela proposta desta dissertação, mas que, sem sombra de dúvida, podem ser abordados em outros trabalhos, principalmente na perspectiva da Semântica Enunciativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar e analisar um dos traços fonético-fonológicos mais marcantes na fala da comunidade de descendentes de italianos residentes em Chapecó representou bem mais do que a realização de uma análise lingüística, trabalho por si só extremamente relevante. Essa jornada também permitiu conhecer um pouco mais da trajetória desse grupo, que carrega consigo parte da história da colonização do país, mais precisamente da região Sul.

A vinda dos primeiros imigrantes italianos ao Brasil representou a tentativa governamental de substituição de mão-de-obra barata para o campo e também de mudança dos costumes da população brasileira da época, formada em grande parte pelos escravos recém-libertados. Mais tarde, esse mesmo grupo, principalmente em terras gaúchas e catarinenses, enfrentou a resistência ao seu jeito de falar, mostrando que os traços lingüísticos significam bem mais do que uma forma de comunicação, revelando cultura, valores sociais e políticos de um povo, como o fez entender o presidente Getúlio Vargas, em sua Campanha de Nacionalização.

Na década de 30, encontramos um dos períodos históricos mais importantes para a formação das características do grupo em estudo. Devido ao medo de se manifestar, ao preconceito que foi se formando frente ao seu jeito de falar, o descendente de italiano foi se fechando, acreditando que sua linguagem, além de características no passado malvistas pelo governo, também carrega o estigma de não pertencer ao considerado padrão.

A hipótese levantada no início deste trabalho, de que a trajetória sócio-histórica da comunidade interferiu nos traços lingüísticos deste grupo, se confirmou. Diversas entrevistas analisadas no *corpus* da pesquisa apontaram para isso. E, assim como ficou explícita a interferência dos dialetos italianos na fala da comunidade em estudo, também ficou altamente evidenciada a tentativa dos falantes de passar ao português padrão. Acreditamos que o traço mais característico seja o surgimento de uma realização fonética 'intermediária' entre o tepe e a vibrante múltipla.

Levantamos, a partir das características fonológicas, principalmente na troca da vibrante múltipla pelo tepe em contextos que não condizem com o português padrão, a possibilidade de caracterizar a fala dos descendentes de italianos como

um dialeto próprio desse grupo, o que tem ainda como suporte a percepção da realização fonética peculiar da vibrante, classificada como 'intermediária'. A variante foi assim definida depois da audição das fitas com entrevistas dos informantes, conversa com foneticista e teste com grupo de pessoas que compõem a comunidade chapecoense e que também observaram as diferenças entre as três variantes do fonema vibrante.

A análise das realizações do fonema vibrante comprovaram a hipótese de que os descendentes de italianos empregariam mais o tepe em contextos de vibrante múltipla do que a vibrante múltipla em contextos de tepe. A expectativa foi confirmada, já que, em contextos de tepe, 95% das ocorrências foram realizadas de acordo com o esperado.

A observação da interferência das variáveis sociais indica que a escolarização interfere nas produções lingüísticas dos informantes. Entretanto, os resultados precisam ser relativizados, já que, também como evidenciaram os dados na análise, há variação na comunidade, possivelmente resultado da história de cada indivíduo e das redes sociais que o cercam.

Apontamos a necessidade de, em futuros trabalhos, aprofundar a discussão das características lingüísticas da comunidade chapecoense, investigando a interferência dos grupos sociais na produção dos falantes. Além disso, podem ser desenvolvidos estudos com outros grupos de falantes, como os luso-brasileiros que, de acordo com observações empíricas, incorporaram traços lingüísticos tidos como característicos dos descendentes de italianos.

Acima de tudo, consideramos fundamentais estudos que olhem para o papel da escola diante da variedade lingüística aqui apresentada. Recentemente, uma grande polêmica armou-se na cidade, já que uma professora do Ensino Fundamental foi afastada das atividades, por não realizar a distinção entre tepe e vibrante múltipla. A justificativa de pais e direção foi de que ela não poderia transmitir aos alunos essas características, não condizentes com o dialeto padrão. Diante dessa questão, embora não aprofundemos a discussão nesta parte conclusiva do trabalho, julgamos fundamental uma discussão do papel da escola diante dos dialetos não-padrão, que seja apoiada em pesquisas ligadas à área da Sociolingüística.

Pensamos, em um futuro trabalho, em discutir o preparo dos professores diante das variedades lingüísticas não-padrão. Também a partir de observações empíricas, percebe-se o despreparo dos professores diante das variedades lingüísticas e das manifestações de oralidade dos alunos, carregadas dessas marcas próprias, na linguagem escrita. Apoiamos nossa expectativa de prosseguimento deste trabalho no que diz Bagno (1999), quando discute o papel da escola diante das variedades lingüísticas populares. Bagno reforça a necessidade de existência de uma variedade padrão, para que exista um meio de expressão comum no país. Entretanto, o autor destaca a necessidade de que a escola assuma que existem outras variedades, assim, não ensinando a padrão como sendo a única, mas como *outra*, que poderá ser usada para enriquecimento da bagagem lingüística do aluno.<sup>28</sup>

Também acreditamos na necessidade de aprofundar a discussão do preconceito lingüístico relacionado à comunidade que foi alvo de estudo neste trabalho. Evidenciando os fatores históricos, sociais e culturais que interferem na fala deste grupo, acreditamos ser possível reverter o sentimento de inferioridade assumido por muitos desses falantes. Para, com isso, evitar que se encontrem, em outras conversas, depoimentos como o que segue, feito por um dos informantes que compõem o *corpus* desta pesquisa. Ao final da entrevista, depois de relatar a trajetória de seus familiares, sua história de vida e trabalho, pronunciou um pedido de desculpas: *Só me desculpe se não pude falar direito* (CHP05), fechando assim, seguido de silêncio, sua entrevista.

---

<sup>28</sup> Citamos Marcos Bagno, mas existem outros lingüísticos preocupados com a posição da escola diante das variedades lingüísticas não-padrão. Entre eles podemos citar Soares (1989), Cagliari (1996), Travaglia (2000), Possenti (2000), Geraldi (1999) e Mattos e Silva (2000).

## 7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADANT, Josepha. *Difusão dialetal: o caso dos alagoanos em Brasília*. In.: TARALLO, F. (org.), 1989.
- BAERNERT-FUERST, Ute. *Flashes metodológicos: a Sociolingüística Quantitativa/Qualitativa*. In.: TARALLO, F. (org.), 1989.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- BORTONI, Stella Maris. *A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística*. In.: TARALLO, F. (org), 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CAGLIARI, Luis Carlos. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione, 1999.
- CALLOU, Dinah. *A linguagem do Rio de Janeiro: do Rural ao Urbano, Quadro Histórico*. In.: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. nº 17. Salvador: Ed. da UFBA, 1995.
- \_\_\_\_\_ *Variação e Norma. Pesquisa & Ensino da Língua: Contribuições da Sociolingüística. Anais do Simpósio Nacional do GT de Sociolingüística da ANPOLL*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- CAMARA JR. Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CARDOSO, Suzana A. M. (org.) *Diversidade lingüística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996.
- COLBARI, Antônia. *Familismo e ética no trabalho: o legado dos imigrantes italianos para a cultura brasileira*. São Paulo, *Revista Brasileira de História*, v.17, nº 34, 1997.
- DUBOIS, Jean, et alli. (1973). *Dicionário de Lingüística*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- ELIA, Sílvio. *Sociolingüística*. Niterói: EDUFF, 1987.
- ELIZAINCÍN, A. *Dialectos en contacto*. Montevideo: Arca, 1992.
- FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1991.

- FIORI, Neide. *A Formação da Sociedade Brasileira: Questões de Educação, Etnia e Nacionalismo*. Comunicação apresentada no VI Encontro Estadual de supervisores Escolares. Florianópolis, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Homogeneidade Cultural Brasileira: Estratégias Governamentais sob o Estado Novo*. Lisboa: Socius & UFSC, 2000.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Etnia e Educação - A escola 'alemã' no Brasil e os estudos congêneres*. Florianópolis: Editora da UFSC (no prelo).
- FONSECA, Maria Stella V. & Neves, Moema F. (orgs.) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- FROSI, Vitalina & MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- GARCEZ, Pedro e ZILLES, Ana. Estrangeirismos: empréstimo ou ameaça? In.: *O Direito À Fala: a Questão do Preconceito Lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000.
- GUMPERZ, John. On the Interactiocal Bases of Speech Community Membership. In.: *Towards a Social Science of Language*. Amsterdam/Philadelphia, 1997.
- GUY, Gregory et all. *Towards a Social Science of Language*. Amsterdam/Philadelphia, 1997.
- HORA, Demerval & CHRISTIANO, Elizabeth. *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéias, 1999.
- IANNI, Constantino. *Homens sem paz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- LABOV, William. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 1972b.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Principios del cambio lingüístico*. Madrid: Gredos, 1996.
- LANGACKER, Ronald. *A Linguagem e sua Estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- MACKEY, M. F. The Description of Bilingualism. In.: *Reading in the Sociology of Language*. Fhisman, J. A. (ed). The Hague: Mouton, 1968.
- MANFRÓI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Grafosul, 1993.
- MARCUSCHI, Luís. Definição do Campo da Sociolinguística. In.: \_\_\_\_\_

*Linguagem e classes sociais*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

MATTOS E SILVA, Rosa V. Para uma Sócio-história do Português Brasileiro. A Sócio-história do Brasil e a Heterogeneidade do Português Brasileiro: Algumas Reflexões. In.: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. nº 17. Salvador: Ed. da UFBA, 1995.

---

*Contradições no ensino do português*. São Paulo: Contexto; Salvador: Ed. da UFBA, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília (org). *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos UFRJ, 1992.

---

*Conseqüências Concretas da Pesquisa Sociolingüística*. In.: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. nº 19. Maceió: UFAL, 1996.

MONARETTO, Valéria. Análise Sociolingüística da Vibrante no Sul do Brasil. In.: *Graphos*, vol 2, nº1, João Pessoa, 1997.

MOURA, Denilda. Diversidade Lingüística e Preconceito Social. In.: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. nº 17. Salvador: Ed. da UFBA, 1995.

MUSSA, Alberto. *O Papel das Línguas Africanas na História do Português do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991. Dissertação de Mestrado.

NARO, Anthony. *Fatores Extralingüísticos: idade*. In.: Mollica, M. (org.), 1992.

NAWA, Takako. *Bilingüismo e Mudança de Código: uma proposta de análise com os Nipo-brasileiros Residentes em Brasília*. TARALLO, F.(org), 1989.

OGLIARI, Marlene. *As Condições de Resistência e Vitalidade de uma Língua Minoritária no Contexto Sociolingüístico Brasileiro*. Florianópolis: UFSC, 1999. (tese de doutorado)

OLIVEIRA e SILVA, Gisele M. E SILVA, & SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.) *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à Vista - Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.

PAIVA, Maria da Conceição. *Fatores Extralingüísticos: Sexo*. In.: Mollica, M. (org.), 1992.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. *A relevância dos fatores internos*. In.: Mollica, M.(org.) 1992.

PIAZZA, Walter. *A colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1976.

- PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs - versão 2s*. 1988. (mimeo)
- POSSENTI, Sirio. *Por que (não) Ensinar Gramática na Escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.
- RADIN, José Carlos. *Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do Oeste Catarinense*. Joaçaba: Unoesc, 1997.
- RENK, Arlene. *A Questão da Etnicidade*. *Cadernos do CEOM*. Chapecó: Unoesc, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O peso da Cruz - Conquista e Religião*. Chapecó: Unoesc/Secretariado Diocesano, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A Colonização do Oeste Catarinense, as representações dos brasileiros*. Chapecó: Unoesc, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A Luta da Erva: um Ofício Étnico no Oeste*. Chapecó: Grifos, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Sociodicéia às Avestas*. Chapecó: Grifos, 2000.
- ROSSETTO, Santo. *Síntese Histórica da Região Oeste*. In.: *Para uma História do Oeste Catarinense - 10 Anos do CEOM*. Chapecó: Unoesc, 1995.
- ROSSI, Albertina. *A Variação da Vibrante Múltipla no Interior da Palavra Lexical na Fala de Descendentes de Italianos das Cidades Sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS*. In.: *Working Papers de Lingüística*. Florianópolis: UFSC, 2000.
- SACHET, Celestino e SACHET, Sérgio. *Santa Catarina 100 anos de História - do povoamento à Guerra do Contestado*. Florianópolis: Século Catarinense, 1997.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Nova história de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1995.
- SCHERRE, Maria Marta P. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. UFRJ/Unb, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Preconceito lingüístico: doa-se lindos filhotes de poodle*. In.: HORA, D. & CHRISTIANO, E. (orgs.), 1999.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Definição da Política Lingüística no Brasil*. In.: *Boletim da ABRALIN*. nº 23. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.
- SCHIFFRIN, D. *Discovering the contextt of na utterance*, *Linguistics*, 25: Blackwell, 1987.

- SILVA, Fábio Lopes e MOURA, Heronides Maurílio de M. *O Direito à Fala: a Questão do Preconceito Lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000.
- SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e Fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 1999.
- SOARES, Magda. *Linguagem e escola - uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1989.
- TARALLO, Fernando & ALKMIN, Tânia. *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.
- TARALLO, Fernando. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A Pesquisa Sociolingüística*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1999.
- VAZZATA-DIAS, Juça. A concordância de número nos predicativos/ participios passivos na fala do sul do Brasil - motivações extralingüísticas. In: *Letras de Hoje* v.35, nº 1. Porto Alegre: PUC/RS, 2000. P.209-228.
- VOESE, Ingo. Preconceito Lingüístico e Ideologia. In.: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. nº 17. Salvador: Ed. da UFBA, 1995.
- VOTRE, Sebastião. *Fatores extralingüísticos: escolaridade*. In.: Mollica, M. (org.), 1992.
- WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. Haia: Mouton, 1953.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Linguistic Change. In.: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds) *Directions in Historical Linguistic*. Austin: University, of Texas Press, 1968.
- ZAMBIASI, José Luiz. *Lembranças de Velhos*. 2ª ed. Chapecó: Grifos, 2000.